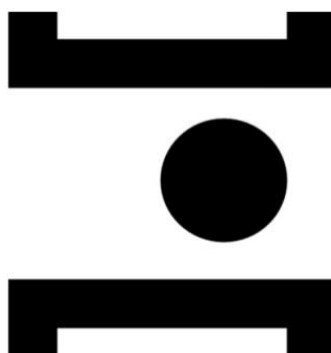


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM

Escola Superior de Educação



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

**Integração de estudantes internacionais no Politécnico de
Santarém**

Trabalho de Projeto

Mestrado em Ciências da Educação/Administração Educacional

Cristiane Leal Correia Rodrigues

Orientação:

Sónia Seixas

Março, 2026

Dedico este trabalho a Deus, que guiou meus passos, sustentou-me nos momentos difíceis e me concedeu graça para chegar até aqui

Agradecimentos

A conclusão deste projeto de mestrado representa mais do que uma etapa académica superada; é a realização de um sonho que só foi possível graças ao apoio e carinho de pessoas muito especiais.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, fonte de toda sabedoria, por me sustentar nos momentos de dificuldade e por me dar forças para seguir em frente mesmo quando o caminho parecia incerto.

Ao meu marido, meu companheiro de vida, obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos, por me ouvir, me encorajar e acreditar em mim mesmo nos dias em que duvidei da minha própria capacidade. Seu amor e paciência foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À minha mãe, minha base e meu exemplo de força e dedicação, agradeço por todo o incentivo desde o início da minha jornada. Seu apoio incondicional me inspira diariamente. Ao meu pai e irmã, que mesmo distante me desejaram uma boa jornada.

À minha sogra, agradeço pelo acolhimento e pelas palavras de incentivo que, muitas vezes, vieram em momentos em que eu mais precisava de um gesto de carinho.

À minha família e amigos como um todo, que mesmo à distância estiveram presentes com palavras de apoio, orações e confiança no meu potencial, meu sincero agradecimento. Cada mensagem, cada gesto, fez a diferença.

À minha orientadora, pela orientação dedicada, à coordenadora do curso, pelo apoio ao longo da caminhada, ao Politécnico de Santarém, por proporcionar este espaço de aprendizagem, e aos estudantes que gentilmente participaram deste estudo.

Este trabalho também é de vocês. Muito obrigada por caminharem comigo até aqui.

Lista de Acrónimos e Siglas

CsF – Ciências sem Fronteiras

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

CEE - Comunidade Económica Europeia

ES – Ensino Superior

UE – União Europeia

OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Resumo

Este estudo analisa a integração de estudantes internacionais no Politécnico de Santarém, com o objetivo de compreender as suas expectativas, dificuldades e perceções sobre o acolhimento institucional. A investigação contou com uma amostra de onze estudantes de diferentes países de língua portuguesa e utilizou uma metodologia mista que inclui questionários online e entrevistas semiestruturadas, permitindo uma análise quantitativa e qualitativa das experiências relatadas. Os resultados apontam para um apoio institucional inicial considerado positivo e uma relação próxima com os professores, mas destacam também desafios ligados às barreiras culturais e linguísticas, ao isolamento social e às dificuldades de acesso a recursos académicos. Conclui-se que a criação de programas de mentoria, iniciativas de diálogo intercultural e maior investimento em apoio social e académico podem reforçar a inclusão e promover uma experiência mais equilibrada no ensino superior. Palavras-chave: ensino superior, integração, estudante internacional, mobilidade estudantil, interculturalidade.

Abstract

This study analyzes the integration of international students at the Polytechnic Institute of Santarém, aiming to understand their expectations, challenges, and perceptions regarding institutional support. The research involved a sample of eleven students from different Portuguese-speaking countries and adopted a mixed-method approach, combining online questionnaires and semi-structured interviews to enable both quantitative and qualitative analysis of reported experiences. The findings indicate that students perceive initial institutional support as positive and highlight close relationships with professors, but also reveal challenges related to cultural and language barriers, social isolation, and limited access to academic resources. The study concludes that implementing mentorship programs, fostering intercultural dialogue, and increasing investment in social and academic support can strengthen inclusion and promote a more balanced higher education experience.

Keywords: higher education, integration, international student, student mobility, interculturality

Índice

Introdução	9
Parte I – Revisão de literatura	
Capítulo 1 – Mobilidade estudantil no mundo e o contexto português	11
1.1 Globalização, interculturalidade e mobilidade estudantil.....	11
1.2 Enquadramento histórico	13
1.3 Contexto português.....	14
Capítulo 2 – Imigração em Portugal.....	16
2.1 Definição	16
2.2 Dados históricos da imigração em Portugal	17
2.3 Legislação referente a políticas imigratórias de estudantes internacionais	18
2.4 Dados estatísticos sobre estudantes internacionais em Portugal.....	20
2.5 Processo imigratório	23
Capítulo 3 – Políticas educativas e cooperação em Portugal.....	25
3.1 Políticas educativas entre Portugal e outros países.....	26
3.2 Cooperação com a CPLP	27
3.3 Cooperação com os PALOP.....	27
3.4 Imigração brasileira no contexto português.....	29
Capítulo 4 – Integração	32
4.1 Definição de integração	32
4.2 Motivação dos estudantes internacionais para estudar noutro país.....	33
4.3 Motivação dos estudantes internacionais para estudar em Portugal.....	35
4.4 Desafios dos estudantes internacionais no ensino superior em Portugal.....	37
4.5 Integração de estudantes nacionais e internacionais em Portugal: benefícios e oportunidades	39
Parte II – Investigação	
Capítulo 5 – Metodologia.....	41
5.1 Problemática	41
5.2 Caracterização da instituição.....	41
5.3 Amostra.....	42

5.4 Instrumentos	43
5.5 Procedimentos	44
Capítulo 6 – Apresentação, análise e discussão de dados	46
6.1 Caracterização sociodemográfica e académica da amostra	47
6.2 Motivações e expectativas: da antecipação à realidade	48
6.2.1 Motivações para a escolha académica	48
6.2.2 Confronto de expectativas.....	49
6.2.3 Desafios	50
6.2.4 A contradição da integração percebida.....	52
6.3 Análise qualitativa: o percurso do estudante internacional.....	52
6.3.1 O suporte institucional como fator crítico de sucesso.....	53
6.3.2 O poder da integração social estruturada.....	54
6.3.3 O conflito linguístico e a rejeição académica	56
6.3.4 O papel dos docentes	57
6.3.5 O sentimento de pertencimento e bem-estar.....	58
6.4 Triangulação dos dados e conclusão.....	59
Conclusão	61
Referências bibliográficas.....	64
Anexos	69

Lista de Figuras

Figura 1. Dados dos estudantes inscritos.....	21
Figura 2. Nacionalidades mais representativas de estudantes internacionais	22
Figura 3. Os ciclos de estudo onde se distribuem os alunos internacionais	22
Figura 4. Áreas de estudo onde estão distribuídos os estudantes internacionais.....	23
Figura 5. Principais desafios relatados por estudantes internacionais no Politécnico de Santarém.....	51

Lista de Tabelas

Tabela 1. Distribuição da amostra por ciclo de estudos e tempo de residência em Portugal	48
Tabela 2. Motivações primárias para a escolha de Portugal.....	49

Introdução

Nas últimas décadas, a mobilidade estudantil internacional tem-se intensificado de forma significativa, impulsionada pela globalização, pelos avanços tecnológicos e pelas políticas de internacionalização promovidas por instituições de ensino superior em todo o mundo.

Cada vez mais, estudantes decidem cursar parte ou a totalidade de sua formação académica fora do país de origem, motivados pela busca de qualidade de ensino, experiências multiculturais, ampliação de redes profissionais e desenvolvimento pessoal. Este fenómeno tem transformado o cenário educacional global, colocando a questão da integração dos estudantes internacionais como um dos principais desafios a serem enfrentados pelas instituições anfitriãs.

Portugal, como país integrante da União Europeia e com forte tradição cultural e académica, tem-se tornado um destino atrativo. No entanto, a presença de estudantes internacionais nas instituições portuguesas exige não apenas a oferta de condições administrativas e logísticas adequadas, mas também a criação de ambientes acolhedores, inclusivos e que favoreçam a integração académica, social e cultural.

Nesse contexto, o Instituto Politécnico de Santarém destaca-se como uma instituição de ensino superior que acolhe, anualmente, um número expressivo de estudantes internacionais, o que torna pertinente a análise das estratégias de integração adotadas e das percepções dos próprios estudantes sobre a experiência.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de integração dos estudantes internacionais no Politécnico de Santarém, considerando múltiplas dimensões — sociais, culturais, académicas e institucionais — que afetam diretamente essa vivência e tem como objetivos específicos, compreender percepções, identificar desafios e propor melhorias para esse processo.

Parte-se do pressuposto de que a integração não ocorre de forma automática e que depende de políticas institucionais consistentes, de suporte contínuo por parte dos serviços académicos e administrativos, bem como da abertura da comunidade local à diversidade cultural.

A investigação baseia-se na realização de entrevistas, além da aplicação de um questionário a um grupo de alunos internacionais, buscando compreender os desafios enfrentados, as estratégias de adaptação utilizadas e os fatores que contribuem para uma integração bem-sucedida.

A estrutura da dissertação está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta uma contextualização sobre a mobilidade estudantil no mundo e em Portugal, explorando o enquadramento histórico de ambos os tópicos.

O segundo capítulo aborda a temática da imigração em Portugal, fazendo uma definição do termo, relacionando-a com dados históricos, legislação referente a políticas migratórias, dados estatísticos e uma breve análise do processo migratório.

No terceiro capítulo, analisam-se as políticas educativas e de cooperação internacional que moldam o acolhimento de estudantes internacionais nas instituições portuguesas, além de citar alguns acordos entre Portugal e outros países.

O quarto capítulo dedica-se à discussão sobre o conceito de integração, seus desafios e boas práticas, com especial atenção ao ambiente académico do Politécnico de Santarém.

Em seguida, o capítulo metodológico detalha os procedimentos adotados na recolha e análise dos dados. Por fim, o capítulo de análise de dados apresenta e interpreta os resultados obtidos por meio das entrevistas e do questionário, oferecendo uma visão crítica e fundamentada sobre a experiência de integração dos estudantes internacionais na instituição. Assim, este estudo pretende contribuir para a reflexão e o aprimoramento das práticas institucionais voltadas ao acolhimento de estudantes internacionais, promovendo uma educação mais inclusiva, plural e comprometida com os princípios da equidade e da diversidade.

Parte I

Capítulo 1: Mobilidade estudantil no mundo e o contexto português

1.1. Globalização, interculturalidade e mobilidade estudantil

“Vivemos num mundo em constante mutação” (Valente, 2008, p. 11), onde devido ao fenómeno da globalização há maior facilidade e rapidez de troca de bens e serviços, a par da mobilidade das pessoas. Por isso, já não existe num país uma monocultura, mas sim uma diversidade cultural.

Não existe somente uma definição aceite de cultura mas, segundo Hofstede (1997, p. 19), a cultura pode ser definida como “a programação colectiva da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria de pessoas face a outro”.

Assim, as diferenças culturais deverão ser respeitadas, considerando-se que as mesmas constituem um benefício e não prejuízo. As diferentes abordagens, decorrentes da interculturalidade, permitem novos olhares sobre as situações vividas e a viver. Novas soluções para problemas comuns. Uma forma de partilhar espaços e de criar solidariedades. Segundo Guimarães e Finardi (2018, p. 17), a “multiplicidade de culturas, línguas e a mobilidade de pessoas têm-se tornado o foco de discussões políticas entre Estados”, no sentido de empreender “esforços à elaboração de políticas de imigração, políticas linguísticas e políticas de internacionalização da educação superior” – como é o caso da União Europeia. Desde os primórdios da educação, a busca por conhecimento transcendia fronteiras. Durante séculos, estudantes percorriam longas distâncias em busca de sabedoria em centros educacionais renomados. A tradição das universidades europeias, por exemplo, foi um berço inicial da mobilidade estudantil.

A educação internacional e a mobilidade estudantil tem-se tornado cada vez mais relevantes em um mundo globalizado e interconectado. Esse fenómeno envolve o deslocamento de estudantes além das fronteiras de seus países de origem para buscar oportunidades de aprendizagem em experiências educacionais estrangeiras e contribui para uma educação globalizada, permitindo que os estudantes experimentem diferentes sistemas educacionais, culturas e perspectivas.

Deste modo, verifica-se que a mobilidade estudantil, embora potenciada pela globalização, requer políticas de apoio e integração que nem sempre acompanham o ritmo do crescimento do fenómeno.

No entanto, há muitos desafios, como a adaptação cultural, barreiras linguísticas e choques académicos. Desafios também citados por Sawir (2005, p. 569) que enfatiza a adaptação ao ambiente académico e social.

Em um mundo cada vez mais interligado, a educação internacional e a mobilidade estudantil desempenham um papel crucial na formação de cidadãos globais. Essa prática oferece benefícios valiosos, mas também apresenta desafios que precisam ser examinados pelas instituições educacionais e pelos países envolvidos.

A realidade do ensino superior (ES) está em constante mudança e o mundo onde a educação tem um papel significativo está também a transformar-se. Tal como afirma Knight (2003, p. 03), “A internacionalização está a mudar o mundo do ensino superior e a globalização está a mudar o mundo da internacionalização”.

Desta forma, a dimensão internacional do ES adquire relevância, não só para as próprias instituições e seus órgãos representativos, como também para os próprios estudantes, docentes, corpo não docente e governos em qualquer parte do mundo.

Ellingboe (1998, p. 201) afirma que a internacionalização é a integração de uma perspetiva internacional no sistema universitário, assumindo uma visão de liderança contínua, orientada para o futuro e para a mudança da dinâmica interna das instituições, de forma a se adaptarem a um ambiente cada vez mais diversificado e em constante mudança.

Neste sentido, a internacionalização pode ser vista como uma forma de melhorar a qualidade das instituições de ensino (Van Damme, 2001, p. 417), podendo mesmo ser quase que uma obrigatoriedade para as instituições, devido à exigência proposta pelo mercado de trabalho cada vez mais global (Kalvemark & Van der Wende, 1997, p. 28).

A universalização do Ensino Superior caracteriza-se pela mobilidade estudantil internacional e representa uma influência da globalização económica e da evolução tecnológica que incidem sobre os sistemas nacionais de educação. Isto se deve ao crescimento da privatização e da comercialização de bens e serviços educacionais que influenciam o fluxo dos estudantes internacionais (Laisner, 2019, p. 16).

A internacionalização ocorreu em maior escala a partir do Protocolo de Bolonha no final do século XX e com o avanço das tecnologias tornou-se uma realidade. A maioria dos estudantes realizam a busca de vagas universitárias internacionais pela internet, e os processos de seleção são realizados pelas embaixadas, pois os países signatários do protocolo de internacionalização do ensino superior possuem reservas de vagas para estudantes internacionais (Zembruski; Santos; Nihei, 2021, p. 31).

1.2 Enquadramento histórico

A mobilidade estudantil no mundo é um fenómeno que se desenvolveu ao longo de décadas, atravessando períodos históricos distintos e refletindo as mudanças sociais, económicas e políticas globais. O enquadramento histórico desse fenómeno proporciona insights valiosos sobre como a busca por conhecimento além das fronteiras nacionais se tornou uma parte integral da experiência educacional.

Nos primórdios da história, as primeiras instituições educacionais eram frequentemente locais, vinculadas a templos religiosos ou centros de aprendizado em civilizações antigas. A mobilidade estudantil era limitada, sendo principalmente reservada para estudiosos e filósofos que viajavam para trocar conhecimentos em centros de excelência. No entanto, esses movimentos eram esporádicos e não representavam uma tendência generalizada (Almeida, 2018, p. 30).

Com o surgimento das universidades no final da Idade Média, a mobilidade estudantil começou a ganhar mais destaque. Estudantes viajavam para centros universitários notáveis, como Bolonha, Paris e Oxford, em busca de um ensino mais avançado. Essas jornadas eram muitas vezes árduas, mas contribuíam para a formação de uma elite intelectual europeia (Simões, 2013, p.137).

A internacionalização do Ensino Superior surgiu na virada do século XXI como forma de fomentar trocas de experiências e promover o avanço das ciências nas diferentes partes do planeta. Após a proposição do Protocolo de Bologna em 1999, houve intenso fluxo de estudantes entre as mais importantes universidades do mundo (Araújo, Silva e Durães, 2018, p. 14).

Os séculos seguintes testemunharam um aumento gradual na mobilidade estudantil, influenciado por fatores como a expansão colonial e os avanços na comunicação e transporte. No entanto, foi no século XX que a mobilidade estudantil experimentou uma transformação significativa. Após a Segunda Guerra Mundial, programas de intercâmbio e cooperação internacional foram estabelecidos para promover a compreensão global e a reconciliação entre nações anteriormente em conflito (Arena, 2023, p. 64).

A criação de organismos internacionais, como a UNESCO, e iniciativas como o programa Fulbright nos Estados Unidos e o programa Erasmus na Europa, fortaleceram a mobilidade estudantil como um meio de construir pontes entre culturas e nações. Esses esforços foram impulsionados pela crença de que a educação globalizada contribuiria para a paz e o desenvolvimento (Maranhão & Lima, 2009, p. 587).

No século XXI, a mobilidade estudantil atingiu uma escala sem precedentes, com milhões de estudantes buscando oportunidades educacionais em diferentes países. A

globalização, a tecnologia digital e a internacionalização do ensino superior continuam a impulsionar esse movimento, proporcionando acesso a uma variedade de cursos, culturas e experiências.

Em conclusão, o enquadramento histórico da mobilidade estudantil revela uma evolução notável desde os primórdios da educação formal até a era contemporânea, onde a busca por conhecimento transcende fronteiras, conectando estudantes e instituições em um intercâmbio constante de ideias e perspectivas. Esse fenómeno, moldado pela história, continua a desempenhar um papel crucial na formação de uma sociedade global consciente.

1.3. Contexto português

Em Portugal, a mobilidade estudantil tem raízes profundas, datando desde a era dos descobrimentos, a grande era das navegações. A expansão marítima portuguesa não apenas influenciou o mundo, mas também trouxe estudantes internacionais para as universidades portuguesas. Nos tempos modernos, o país continua a ser um destino e ponto de partida para estudantes que buscam experiências educacionais diversas (Pessoni & Pessoni, 2021, p. 02).

Em Portugal, foi o fim da ditadura que abriu caminho para o desenvolvimento de um maior número de instituições, tanto do setor público como do setor privado, como também despontou o interesse pela internacionalização do ensino. Desde aqui, várias estratégias foram adotadas pelas instituições portuguesas, entre as quais se pode destacar a mobilidade da comunidade académica, a admissão de estudantes internacionais, o recrutamento de corpo docente e investigadores internacionais, a cooperação científica internacional, a aposta na visibilidade internacional e, ainda, o desenvolvimento de um ambiente internacional na própria universidade (Rendas, 2013, p. 02).

As relações estreitas com países lusófonos e a expansão da língua portuguesa proporcionaram uma base sólida para o intercâmbio académico. A internacionalização do ensino superior em Portugal ganhou impulso nas últimas décadas, alinhando-se com a crescente globalização.

Reconhecendo a importância da internacionalização, desenvolveu-se em Portugal, estratégias específicas para atrair estudantes internacionais e promover a mobilidade internacional de seus próprios estudantes.

Programas como o Erasmus+ e acordos bilaterais com diversas nações desempenham um papel crucial nesse processo, estabelecendo pontes entre instituições de ensino em todo o mundo (Cunha, 2011, p. 08).

Os benefícios da mobilidade estudantil incluem o desenvolvimento de habilidades interculturais, ampliação da visão de mundo e enriquecimento académico, além de promover a internacionalização do currículo, a promoção do multilinguismo e a construção de redes académicas internacionais. No entanto, desafios como barreiras linguísticas, adaptação cultural, questões de financiamento e a necessidade de promover uma mentalidade global são aspetos que necessitam de atenção contínua.

Analisar as tendências emergentes na mobilidade estudantil proporciona uma visão do futuro. A crescente importância da mobilidade virtual e a ênfase em programas interdisciplinares são indicadores de mudanças significativas no horizonte.

Portugal, com sua história rica, está bem posicionado para continuar desempenhando um papel ativo na promoção da mobilidade internacional. O país pode aproveitar oportunidades emergentes, como a crescente demanda por educação online e parcerias estratégicas com instituições globais.

Em conclusão, a mobilidade estudantil no contexto mundial e em Portugal é um fenómeno dinâmico e transformador. À medida que os países se tornam cada vez mais interconectados, a busca pelo conhecimento transcende fronteiras e emerge como uma força transformadora, moldando uma nova geração de cidadãos globais. Esta contextualização global e nacional da mobilidade estudantil permite compreender as bases históricas e políticas que sustentam a imigração em Portugal, tema abordado no capítulo seguinte.

Capítulo 2: Imigração em Portugal

A compreensão da mobilidade estudantil internacional — abordada no Capítulo 1 — exige uma análise mais ampla sobre os fenómenos migratórios que moldam as sociedades contemporâneas.

Portugal, enquanto país historicamente marcado por movimentos de saída e, mais recentemente, de receção de imigrantes, constitui um caso relevante para compreender o contexto em que se inserem os estudantes internacionais. Assim, este capítulo aprofunda o fenómeno da imigração em Portugal, contemplando a sua definição, evolução histórica, enquadramento legislativo e os impactos do processo migratório, com especial atenção ao segmento dos estudantes internacionais.

2.1. Definição de imigração

A imigração é um fenómeno social e económico que envolve o deslocamento de pessoas de um país ou região para outro, com o objetivo de estabelecer residência permanente ou temporária.

O Século XXI tem presenciado inúmeros deslocamentos humanos. Vale mencionar, no entanto, que as migrações modernas têm ocorrido, especialmente, de duas maneiras distintas: voluntária e involuntária.

No primeiro caso, a motivação tem um carácter pessoal, individual, geralmente sendo motivada pela necessidade e vontade de o indivíduo buscar melhores condições de vida, oportunidades profissionais com maiores ganhos financeiros e, ainda, se reagrupar com familiares que já tenham migrado anteriormente, provavelmente pelas mesmas razões anteriormente citadas.

Já as migrações involuntárias ocorrem, via de regra, em decorrência de causas que não dependem do indivíduo ou sobre as quais ele não possui qualquer tipo de controle. Nesse caso, as causas mais comuns que levam ao surgimento dos grandes fluxos de migrantes são as guerras, internas ou envolvendo mais de uma nação, perseguições étnicas e religiosas, golpes de Estado, desastres ambientais e mudanças climáticas (Almeida, 2020, p. 14).

A afinidade quanto à escolha do país para se imigrar, pode ocorrer tanto entre países próximos como em escalas globais, e pode ter um impacto significativo tanto nas sociedades de partida quanto nas de chegada.

Sayad (1998, p.15) diz que:

A imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico (...) mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente.

Deste modo, a imigração deve ser entendida não apenas como deslocamento físico, mas como um processo social complexo que redefine identidades e estruturas culturais, tanto no país de origem quanto no de destino.

Em última análise, a imigração é um fenómeno complexo que reflete as dinâmicas globais, as aspirações individuais e as condições socioeconômicas em constante evolução.

2.2 Dados históricos da imigração em Portugal

A era das grandes navegações no século XV marcou o início de uma intensa atividade exploratória por parte dos portugueses. Os descobrimentos ultramarinos levaram à expansão do império português, resultando em interações culturais e fluxos migratórios.

O contexto mais recente da imigração em Portugal é caracterizado pela transformação de um país historicamente emissor para um receptor de imigrantes.

A entrada de trabalhadores de diferentes partes do mundo, especialmente de ex-colônias e países lusófonos, contribuiu para a diversificação étnica e cultural.

Com a entrada na União Europeia, Portugal tornou-se um destino mais atrativo para imigrantes de outros países europeus. A necessidade de mão-de-obra em setores específicos, como agricultura e construção, levou a políticas que visavam a facilitar a entrada de trabalhadores internacionais.

E como diz Uebel (2015, p. 03) o aspeto financeiro e económico é um, senão a principal motivação para a imigração.

Aos fluxos migratórios referidos, há a acrescentar ainda um tipo de movimento que, apesar de frequentemente não ser inicialmente de carácter laboral, assume progressivamente uma relevância para segmentos específicos do mercado de trabalho nacional.

Referimo-nos aos estudantes que chegam a Portugal com o intuito de obter uma formação de nível superior e que após terminada essa formação não regressam aos seus países de origem, prolongando a sua estadia em território nacional, contribuindo, deste modo, simultaneamente para preencher algumas lacunas do mercado de trabalho nacional e para a manutenção das necessidades de profissionais qualificados nos países de origem.

Acresce ainda um crescente número de investigadores ou estudantes de pós-doutoramento que ingressam nos principais centros de investigação nacionais, permanecendo no país por períodos de tempo variáveis de acordo com os seus projetos de investigação pessoais, com as possibilidades de consolidação das suas carreiras académicas no país e do desenvolvimento de oportunidades de emprego noutros países (Góis & Marques, 2014, p. 31).

Em consequência dos já citados vínculos pós-coloniais, históricos, culturais, económicos e políticos, que continuam a unir os Estados que emergiram do processo da descolonização – e os respectivos povos, alargou-se a frequência de estabelecimentos de ensino superior português por nacionais desses países.

Esse alargamento, resultou de um movimento migratório anterior, que constituiu em Portugal importantes comunidades originárias das antigas colónias – mais de umas do que de outras – mas também de um movimento especificamente orientado para o aproveitamento de oportunidades educativas escassas que se geram, em parte, através das políticas públicas desenvolvidas tanto pelos Novos Estados como pelo Estado português. (Pedreira, 2013, p. 29).

A política de cooperação portuguesa que teve início ainda na década de 1970, através de acordos estabelecidos com os novos Estados quase imediatamente após a sua independência (Ferro, 2010, pp. 55-63), e que se desenvolveu de forma mais organizada desde o final dos anos 80 do século XX, apesar de oscilações e incertezas, tem tomado a educação como um dos seus eixos principais de intervenção.

A imigração em Portugal só a partir de meados dos anos 80 do século passado é que conheceu, à semelhança do registado noutros países do Sul da Europa, um aumento significativo e subsequente transformação em objeto académico, tornando-se uma temática politicamente relevante (Góis & Marques, 2014, p. 31).

Em conclusão, a história da imigração em Portugal é intrinsecamente ligada à sua trajetória como potência marítima e colonizadora. Desde os primórdios das Grandes Navegações até os desafios e oportunidades enfrentados no século XXI, a imigração desempenhou um papel fundamental na evolução da sociedade portuguesa. Entender esse contexto histórico é crucial para apreciar a complexidade e a riqueza da diversidade cultural em Portugal hoje.

2.3. Legislação referente a políticas imigratórias de estudantes internacionais

Políticas migratórias tem diversas abordagens, desde abordagens mais abertas e acolhedoras a medidas mais restritivas e até controladas. Essas políticas são influenciadas

por fatores como a capacidade econômica do país de destino, questões de segurança, opiniões públicas e considerações humanitárias.

Se, como é sabido, o início da década de 80 marca o início das políticas de imigração em Portugal através do Decreto-Lei 264-B/81, que regula o regime de entradas, saídas e permanência de estrangeiros em território português, e da “nova” a lei da nacionalidade de 81, consumando um realinhamento com o espaço europeu em detrimento do espaço do mundo colonial, apenas na década de 90 a imigração altamente qualificada passa a ser regulada de um modo diferenciado de uma migração mais genérica.

A origem das referências à “imigração altamente qualificada” na legislação de estrangeiros em Portugal remonta aos artigos referentes à concessão de visto de estudo com a finalidade de permitir a entrada no país para efeitos da realização de trabalhos de investigação científica. Nos termos do disposto na alínea b) do n.º 1 do artigo 35.º do Decreto-Lei 244/98, de 8 de agosto, cujo âmbito seria posteriormente alargado pelo Decreto-Lei 34/2003, de 25 de fevereiro.

De facto, o Decreto-Lei 244/98, de 8 de agosto, veio aperfeiçoar o regime jurídico dos vistos de estudo e de trabalho, os quais tinham sido introduzidos no ordenamento jurídico nacional pelo decreto-Lei 59/93, de 3 de março.

A alínea b) do n.º 1 do artigo 37.º do referido Decreto-Lei incluiria no regime jurídico de estrangeiros o visto de trabalho tipo II, que segundo a redação dada pelo Decreto -Lei 34/2003, de 25 de fevereiro, se destinava ao “exercício de uma atividade de investigação científica ou atividade que pressuponha um conhecimento técnico altamente qualificado”.

À semelhança da autorização de residência para o exercício de uma atividade de investigação, docente ou altamente qualificada, também os vistos de estudo e de trabalho eram temporalmente limitados e prorrogáveis em conformidade com os requisitos específicos referidos na legislação (em especial o disposto no artigo 54.º do Decreto-Lei 244/98, de 8 de agosto) (Góis & Marques, 2014, p. 31).

No quadro da estratégia de internacionalização do ensino superior português, foi publicado o Decreto-lei n.º 36/2014 que veio regular o Estatuto do Estudante Internacional. Este novo diploma vem instituir um concurso especial de acesso e ingresso que permite às instituições de ensino superior portuguesas criarem as condições adequadas para atraírem mais estudantes internacionais para a frequência de primeiros ciclos em Portugal.

A captação de um maior número de estudantes internacionais possibilitará, ainda, aumentar a utilização da capacidade instalada nas instituições e potencializar novas receitas próprias, que poderão ser aplicadas no reforço da qualidade e na diversificação do ensino ministrado, criando um verdadeiro ambiente internacional.

De ressaltar que este novo regime não abrange nem alunos oriundos da União Europeia, que beneficiam das mesmas condições de acesso que os alunos portugueses, nem os bolsheiros de países africanos de língua portuguesa, que beneficiam também de regras de acesso especiais.

Poderão, assim, candidatar-se os estudantes que sejam titulares de um diploma que faculte o acesso ao ensino superior no país em que foi obtido, ou que tenham concluído o ensino secundário português ou um ciclo de estudos equivalente.

A Lei nº 23/2007, também conhecida como a Lei de Estrangeiros em Portugal, foi criada para estimular a imigração em terras lusitanas e facilitar os processos para aqueles estrangeiros que já residem no país.

Ao longo dos anos, a Lei de Estrangeiros em Portugal sofreu várias alterações e continua sendo o norteador de alguns aspetos práticos da vida do estrangeiro no país.

No dia 04 de agosto de 2022, o presidente Marcelo Rabelo de Sousa promulgou a nova Lei de Estrangeiros em Portugal. Essa lei facilita para quem vai cursar ensino superior em Portugal, pois a emissão do visto de estudante será mais rápida, pois o comprovante de matrícula em uma universidade portuguesa será o suficiente para a aprovação do pedido.

Assim, elimina-se a necessidade de passar pela etapa do parecer prévio do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), que aumenta em cerca de dois meses o tempo de espera pelo visto.

2.4. Dados estatísticos sobre estudantes internacionais em Portugal

Até 2022, Portugal estava se tornando um destino cada vez mais popular para estudantes internacionais devido à qualidade de suas universidades, programas educacionais, custo de vida relativamente baixo e clima favorável.

Muitos estudantes internacionais vinham principalmente de países europeus, mas também havia um número significativo de estudantes de outras partes do mundo, como Brasil, China, Angola, Moçambique, Cabo Verde, entre outros.

O número total de estudantes internacionais matriculados em instituições de ensino superior em Portugal tem aumentado ao longo dos anos, refletindo a crescente popularidade do país como destino de estudo.

Evolução do n.º de inscritos e do n.º de inscritos no 1.º ano, pela 1.ª vez - 2001/2002 a 2022/2023

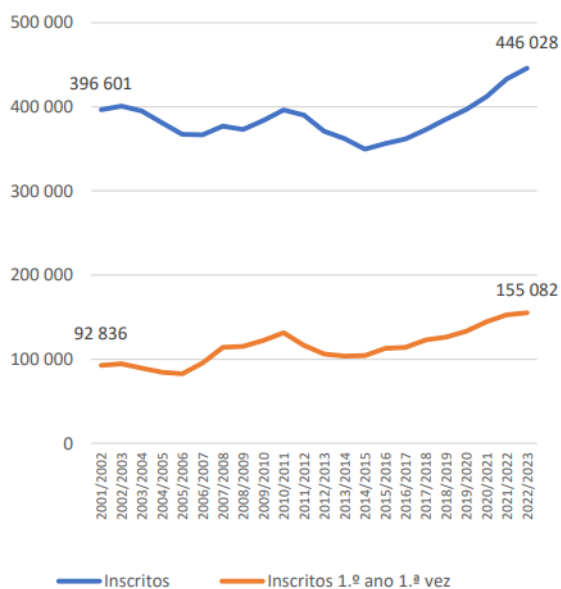


Figura 1. Dados dos estudantes inscritos. Fonte: DGEEC – Dados atualizados de 2023

Brasil, Angola, China, Cabo Verde e Moçambique estão entre os principais países de origem dos estudantes internacionais em Portugal. No entanto, a diversidade de nacionalidades é bastante ampla, com estudantes de vários outros países escolhendo Portugal para seus estudos.

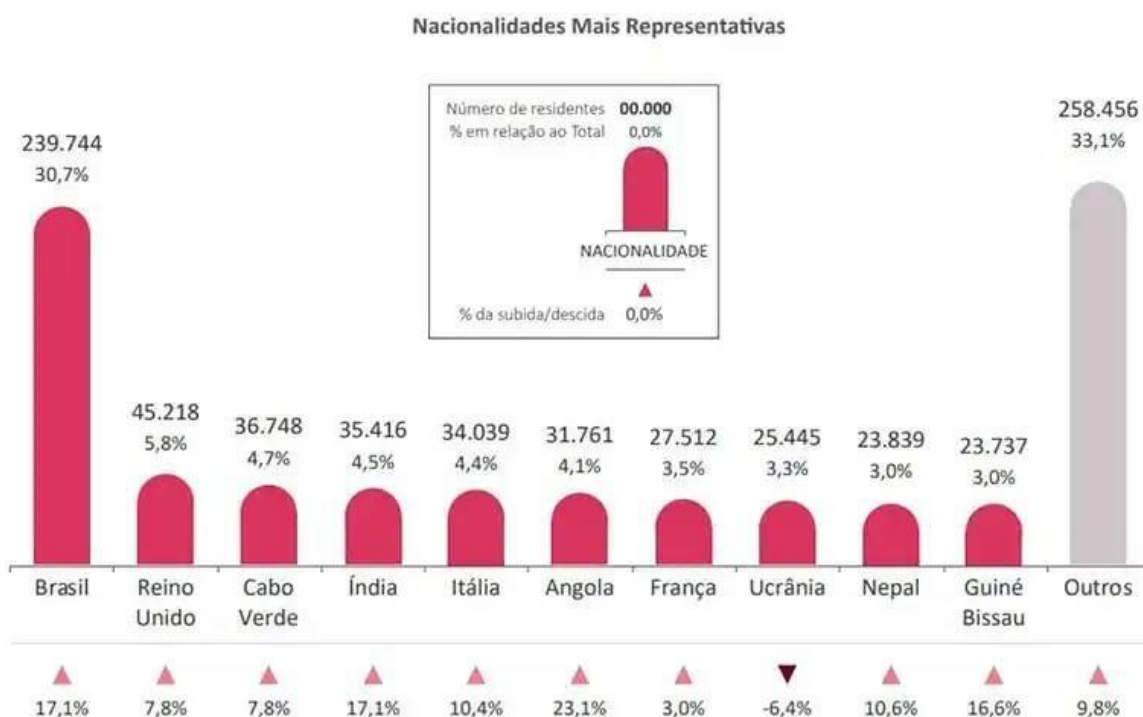


Figura 2. Nacionalidades mais representativas de estudantes estrangeiros. Fonte: Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo, 2022.

Os estudantes internacionais estão distribuídos em vários níveis de ensino, incluindo graduação, pós-graduação (mestrado e doutorado) e programas de intercâmbio.



Figura 3. Os ciclos de estudo onde se distribuem os alunos estrangeiros. Fonte: DGEEC – Dados atualizados 2023

Os estudantes internacionais estão matriculados em uma variedade de cursos e áreas de estudo, incluindo ciências, engenharia, humanidades, artes, negócios, entre outros. Alguns cursos específicos podem atrair um número maior de estudantes internacionais devido à reputação das instituições portuguesas em determinadas áreas.

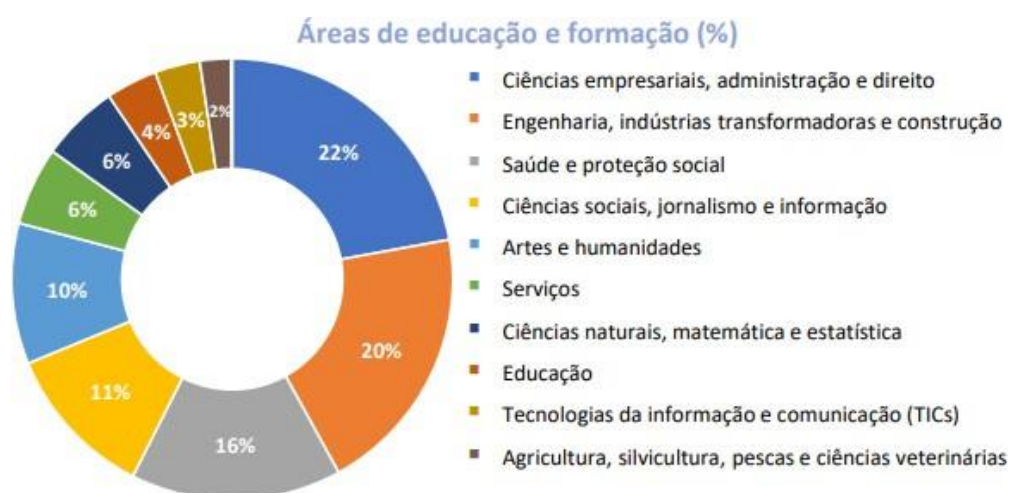


Figura 4. Áreas de estudo onde estão distribuídos os estudantes estrangeiros. Fonte: DGEEC - Dados atualizados em 2023

A taxa de crescimento do número de estudantes internacionais pode ser um indicador importante do status de Portugal como destino de estudo e das políticas adotadas para atrair talentos internacionais.

2.5. Processo imigratório

O processo imigratório envolve diversos aspetos, incluindo os financeiros e psicológicos, que podem ter um impacto significativo na vida dos imigrantes.

O processo imigratório muitas vezes requer despesas consideráveis, como taxas de visto, passagens aéreas, exames médicos e outros custos relacionados à mudança.

As políticas de admissão incorporam vários elementos como condições de entrada (documentação exigida, vistos, objetivo e tempo de permanência), autorizações de trabalho e residência, controlo interno (da situação de legalidade dos estrangeiros presentes em território nacional), e finalmente os sistemas de regularização de imigrantes em situação ilegal (Convey & Kupiszewski, 1996, p. 312).

O país no qual se vai imigrar pode exigir que se tenha recursos financeiros suficientes para se manterem durante o período inicial após a chegada. Isso é especialmente relevante se o imigrante não tiver um emprego garantido no novo país.

Dependendo do país de destino, o custo de vida pode ser muito diferente do país de origem. Os imigrantes precisam se adaptar a essas mudanças, o que pode incluir seus padrões de gastos e estilo de vida.

Encontrar emprego no novo país pode ser um desafio, dependendo das restrições, barreiras linguísticas e do mercado de trabalho local. A falta de emprego ou empregos de baixa remuneração podem gerar estresse financeiro.

Imigrantes muitas vezes enfrentam um choque cultural ao chegar em um novo país. Diferenças em costumes, valores, comportamentos e até mesmo na língua podem causar desconforto e isolamento e isso piora pelo fato de se estar longe de amigos e familiares, o que aumenta o sentimento de solidão, especialmente nos primeiros tempos. A adaptação social pode ser desafiadora e exigir tempo. Deixar para trás a terra natal, amigos, família e até mesmo a cultura pode gerar um sentimento de perda e solidão.

Diante desse deslocamento subjetivo e social, o imigrante está sujeito a experienciar o desamparo e o mal-estar cultural, podendo vivenciar uma condição de indeterminação existencial, significada pelo sentimento de não pertencimento, que se articula às expressões de sofrimento (Dunker, 2015, p. 132).

A adaptação a um novo ambiente, com novas normas e expectativas, além de mudanças em rotinas, sistemas de saúde, educação e serviços podem ser estressantes. A língua pode ser uma barreira significativa para a integração e comunicação.

A imigração apresenta desafios e oportunidades. Os desafios incluem questões de integração cultural, diferenças linguísticas, e o impacto nas estruturas sociais e econômicas. Por outro lado, a imigração também oferece oportunidades, como a contribuição para o crescimento econômico, a diversificação cultural e a promoção da pluralidade.

Assim, o fenómeno migratório em Portugal, que abrange tanto fluxos laborais como académicos, reflete as transformações socioeconómicas e culturais que o país tem vivido nas últimas décadas. Esta realidade será aprofundada nos capítulos seguintes, que abordam as políticas educativas e a integração dos estudantes internacionais.

Capítulo 3: Políticas educativas e cooperação em Portugal

Este capítulo analisa as políticas educativas e de cooperação internacional em Portugal, com especial enfoque nas medidas voltadas para o ensino superior e a mobilidade estudantil. Pretende-se compreender como as estratégias nacionais e as parcerias internacionais, especialmente no âmbito da CPLP e dos PALOP, contribuem para o fortalecimento da internacionalização da educação portuguesa e para o acolhimento de estudantes internacionais.

As políticas educativas em Portugal têm sido alvo de constante evolução e adaptação para enfrentar os desafios presentes na sociedade contemporânea. Uma das prioridades tem sido a universalização do acesso à educação, desde a pré-escolar até ao ensino superior, buscando reduzir as disparidades socioeconómicas no acesso à educação.

Além disso, é importante se alinhar com as necessidades do país e os padrões educacionais internacionais, visando desenvolver competências essenciais para a vida e para o mercado de trabalho.

“A internacionalização, assim como pode funcionar como motor para a resolução dos problemas de uma comunidade, também podia trazer a mudança nas Universidades que dela precisam” (Nadã, 2012, p. 21).

Têm sido implementadas políticas de inclusão e diversidade, visando garantir que todos os alunos, independentemente das suas características individuais, tenham acesso a oportunidades educativas de qualidade. É o que afirma Mármora (2002, p. 325), “as políticas de incorporação dos imigrantes têm como objectivo principal a activa participação deles nas esferas social, cultural, política e económica da sociedade de acolhimento”.

A formação inicial e contínua de professores é outra prioridade, com enfoque na atualização de competências pedagógicas, na formação em novas metodologias de ensino e na promoção de uma cultura de reflexão e melhoria contínua. Além disso, tem havido investimento na integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na educação, com o objetivo de modernizar os processos de ensino e aprendizagem e promover a literacia digital entre os alunos. (Flores, 2017, p. 04).

Estas são algumas das principais linhas de ação das políticas educativas em Portugal, refletindo o compromisso do país com a promoção de uma educação de qualidade, inclusiva e atualizada às necessidades do século XXI.

As primeiras formas de coordenar e avaliar as iniciativas de cooperação internacional estabelecem-se a partir de 1989, quando houve a readmissão de Portugal no Comité de Apoio ao Desenvolvimento (CAD) da OCDE (de que fora fundador em 1961, mas de que se

retirara em 1974, reingressando em 1991), muito por força da adesão às comunidades europeias e ao crescimento económico da segunda metade dos anos 1980 (Mourato, 2011, p. 32).

A cooperação portuguesa seria a partir de então muito influenciada pela participação no Comité ainda que os problemas que por ele foram identificados em sucessivas avaliações como o excesso de ambição dos objectivos, a falta de recursos e a escassa coordenação tivessem tendência a permanecer (IPAD, 2010, pp. 175-176).

3.1. Políticas educativas entre Portugal e outros países

Portugal tem estabelecido diversos acordos educativos com outros países ao longo dos anos, como parte de seus esforços para promover a cooperação internacional e o intercâmbio de conhecimentos no campo da educação.

Esses acordos bilaterais de cooperação educativa abrangem uma variedade de áreas, incluindo intercâmbio de estudantes, professores e pesquisadores, além do reconhecimento mútuo de qualificações académicas. Esses acordos também podem envolver a colaboração em projetos de investigação, o desenvolvimento de programas de mobilidade académica e o compartilhamento de boas práticas em políticas educativas (Ferro, 2010, p. 13).

O autor acima diz também que no âmbito da cooperação para o desenvolvimento, Portugal colabora com outros países em projetos educacionais, visando melhorar a qualidade da educação e promover o acesso à escolarização em regiões desfavorecidas. Essas parcerias podem envolver a formação de professores, o desenvolvimento de infraestruturas escolares e a promoção da literacia em comunidades carentes.

Além disso, Portugal participa em programas de intercâmbio estudantil internacional, como o programa Erasmus+ da União Europeia, que facilita a mobilidade de estudantes entre universidades europeias. Há também programas bilaterais de intercâmbio entre Portugal e outros países, proporcionando oportunidades para estudantes aprofundarem suas experiências de aprendizagem em contextos internacionais (Cunha, 2011, p. 17).

Além disso, Portugal estabelece parcerias estratégicas em investigação e inovação educacional com outros países, visando impulsionar a colaboração científica e o desenvolvimento de soluções para os desafios educativos contemporâneos. Isso inclui a realização de projetos de pesquisa conjuntos, a organização de eventos académicos e a partilha de recursos e conhecimentos entre instituições de ensino e pesquisa.

Esses acordos educativos desempenham um papel fundamental no fortalecimento das relações internacionais de Portugal e na promoção da excelência e da inovação no sistema educativo do país.

3.2. Cooperação com a CPLP

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é uma organização internacional criada em 1996 com o objetivo de promover a cooperação e o intercâmbio entre os países lusófonos. Atualmente, a CPLP é composta por nove Estados-membros: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Guiné Equatorial (que aderiu em 2014).

A língua portuguesa é o principal elemento de união entre os países membros da CPLP, servindo como um meio de comunicação e facilitando a cooperação em diversas áreas, como educação, cultura, economia, ciência e tecnologia, saúde, entre outras. A CPLP trabalha para promover o uso e o ensino da língua portuguesa nos seus Estados-membros e em todo o mundo, reconhecendo-a como um património cultural comum.

Além da língua, os países membros compartilham valores e interesses comuns, como a promoção da democracia, dos direitos humanos, da paz e da estabilidade regional. A CPLP realiza diversas iniciativas e programas de cooperação em áreas prioritárias para o desenvolvimento socioeconómico e cultural dos seus membros (Gaivão, 2010, p. 10).

Entre as áreas de cooperação da CPLP, destacam-se a educação, com programas de intercâmbio de estudantes e professores, e a cultura, com a promoção de eventos culturais e a preservação do património histórico e artístico dos países lusófonos. A organização também trabalha na promoção do desenvolvimento sustentável, da segurança alimentar, da saúde e da prevenção de desastres naturais, entre outros temas.

Além disso, a CPLP tem como objetivo fortalecer os laços comerciais e económicos entre os seus membros, promovendo o comércio intra-CPLP e a cooperação económica regional. A organização também desempenha um papel importante no contexto internacional, representando os interesses dos países lusófonos em fóruns e organizações internacionais, e defendendo a sua participação ativa na governança global.

A CPLP desempenha um papel importante na promoção da cooperação e da solidariedade entre os países lusófonos, visando o desenvolvimento sustentável e a promoção dos interesses comuns dos seus membros. A organização continua a trabalhar para fortalecer os laços e promover o seu papel no cenário internacional.

3.3. Cooperação com PALOP

Os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) constituem um grupo de nações africanas que têm o português como língua oficial. Atualmente, os PALOP são compostos por Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Os PALOP enfrentam diversos desafios comuns, incluindo o desenvolvimento económico e social, a pobreza, a instabilidade política, a fragilidade das instituições democráticas, a corrupção, a falta de infraestruturas básicas e a gestão sustentável dos recursos naturais. No entanto, também têm importantes recursos naturais e culturais, bem como um potencial significativo para o crescimento e o desenvolvimento.

A cooperação entre os PALOP é fundamental para enfrentar esses desafios comuns e promover o desenvolvimento sustentável na região. Os países membros têm trabalhado em conjunto em diversas áreas, como educação, saúde, segurança alimentar, infraestruturas, energia, agricultura, ambiente, entre outras. A cooperação Sul-Sul e a solidariedade entre os PALOP são elementos-chave dessa colaboração, que visa fortalecer as capacidades institucionais e promover a partilha de conhecimentos e boas práticas (Figueiredo, 2005, p. 39).

Figueiredo (2005, p. 43) diz:

A nível internacional, os PALOP têm representado os seus interesses comuns em fóruns e organizações internacionais, defendendo questões como o desenvolvimento económico, a redução da pobreza, a paz e a segurança, a preservação do meio ambiente e a promoção dos direitos humanos. A sua voz coletiva tem sido importante para sensibilizar a comunidade internacional para as necessidades e desafios específicos dos países africanos de língua portuguesa.

Além disso, os PALOP têm estabelecido parcerias com outros países e organizações internacionais, visando beneficiar do apoio técnico, financeiro e político para promover o seu desenvolvimento.

A cooperação com países de língua portuguesa fora da África, como Portugal, Brasil e Timor-Leste, também desempenha um papel importante no fortalecimento dos laços entre os PALOP e na promoção do desenvolvimento regional e global.

Em resumo, os PALOP representam uma importante comunidade de países africanos que partilham a língua portuguesa e têm objetivos comuns de desenvolvimento e progresso. A cooperação entre os PALOP é essencial para enfrentar os desafios socioeconómicos e políticos da região e promover um futuro mais próspero e sustentável para todos os seus cidadãos.

3.4 Imigração Brasileira

Antes de 1974, a nacionalidade brasileira era a segunda mais representada entre os (poucos) estrangeiros a residir em Portugal. Tratava-se de uma pequena população com origem em movimentos de regresso de portugueses emigrados no Brasil, bem como de migrações de brasileiros possibilitadas pelos canais abertos com a presença de portugueses no Brasil. Em suma, a imigração brasileira para Portugal era, à época, a contracorrente minoritária desencadeada pela grande migração portuguesa para o Brasil nas décadas anteriores (Pinho, 2014, p. 12).

Depois de 1974, e sobretudo depois da adesão de Portugal à então CEE, cresce uma nova emigração do Brasil para Portugal. Beneficiando, numa fase inicial, dos efeitos de rede produzidos pela contracorrente anterior, esta nova imigração ganha rapidamente vida própria, isto é, torna-se auto sustentada pelos seus próprios efeitos de rede. Atraídos pela nova imagem de Portugal como país-membro da Europa mais desenvolvida, amplamente mediatizada no Brasil, chegam a Portugal em número crescente, milhares de brasileiros que assim procuram escapar à insegurança gerada pela hiperinflação e a violência urbana. Esta nova migração dirige-se sobretudo para a área metropolitana de Lisboa e é maioritariamente composta por profissionais qualificados.

A segunda migração brasileira para Portugal é interrompida pelos efeitos estabilizadores do controlo da inflação iniciado com sucesso por Fernando Henriques Cardoso, primeiro como ministro das Finanças, depois como Presidente da República Federativa do Brasil. É com alguma surpresa que cientistas sociais e público em geral assistem, na virada do século, ao que aparecia como uma retoma rápida da imigração brasileira. Em rigor, porém, tratou-se menos da retoma de um fluxo já existente e muito mais da emergência de uma nova corrente migratória com origem no Brasil mas, uma vez mais, com uma história independente da que as precederam e com características distintas.

Por sua vez, Spears (2014, p. 155) considerou que desde os tempos da ditadura militar (1964-1985) o Brasil vinha tentando obter um reconhecimento internacional. Por isso, o Programa de Mobilidade Científica “Ciência sem Fronteiras” (CsF), criado em 2011 pelo Governo Federal brasileiro, funcionou como a “reencarnação dessa filosofia, projetada para rivalizar com o número de estudantes de ciências e engenharias da China e da Índia (países que enviaram dezenas de milhares de estudantes de graduação e pós-graduação para os Estados Unidos)”. Para este autor, o CsF visou fortalecer os laços entre o Brasil e os EUA, mas também com outros países que se encontravam no centro da economia global (como era o caso de alguns países da União Europeia – EU). Assim, desde a criação do CsF, e até abril de 2013, Portugal foi o país que mais recebeu estudantes ao abrigo deste programa.

Atentando para o caso específico dos estudantes brasileiros no ensino superior

português, diversos autores já haviam referido que, devido às relações históricas entre estes países, a mobilidade das elites que viviam no Brasil, e se deslocavam para estudar em Portugal, acontece desde o período colonial (Carvalho, 2023, p. 25). No entanto, ao considerar as definições da OCDE (2013) para estudante internacional (que implica, necessariamente, um movimento entre dois países), ou para estudante estrangeiro (que implica, necessariamente, que este estudante não seja cidadão do país de destino) penso somente ser possível falar numa emigração de cidadãos de nacionalidade brasileira para Portugal após ter-se dado a independência do Brasil, em 1822.

Para Nunes (2013, p. 05) às relações internacionais relativas à educação no Brasil só deveriam ser consideradas a partir de meados do Século XX, visto que este foi um dos últimos países da América Latina a estabelecer as suas universidades (a primeira, fundada em 1920, foi a Universidade do Rio de Janeiro).

Portanto, como referiu Pinho (2014, p. 106) a partir da crise económica que o Brasil passou e a entrada de Portugal na CEE ocasionou no fato de que o fluxo histórico de emigrantes portugueses para o Brasil, que havia ocorrido principalmente durante o período de emigração transatlântica portuguesa (meados do Século XIX a finais dos anos 50 do século XX) inverteu-se, e brasileiros começaram a emigrar para Portugal. Por isso, conforme afirmou Malheiros (2007, p. 16), “a imigração do Brasil para Portugal começou como um movimento limitado de contracorrente, que incluía alguns profissionais qualificados (dentistas, peritos de marketing, informáticos, etc.) em meados dos anos 80, para se tornar num fluxo significativo de imigrantes laborais, nos finais dos anos 90 e princípios do século XXI”.

Portanto, visto que o Brasil foi um dos últimos países da América Latina a estabelecer as suas universidades (a primeira, fundada em 1920, foi a Universidade do Rio de Janeiro), e apenas com as reformas universitárias de 1968 é que iniciou a internacionalização das mesmas, é somente a partir da década de 1970 que se começa a notar uma maior migração de brasileiros.

Neste sentido, tendo em conta que, segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE, 2013), a definição de estudante internacional implica, necessariamente, um movimento entre dois países, e a de estudante estrangeiro que o mesmo não seja cidadão do país de destino, pode-se dizer que, no caso do Brasil, só poderemos falar numa migração estudantil de cidadãos, propriamente brasileiros, após a independência deste país, em 1821.

A imigração brasileira para Portugal inicialmente marcada por vínculos históricos e culturais evoluiu para uma mobilidade educacional significado tornando os estudantes brasileiros um dos principais grupos internacionais no ensino superior português. Esse fenómeno ilustra a importância da cooperação luz o brasileira nas políticas de internacionalização da educação.

Em síntese, as políticas educativas e de cooperação internacional de Portugal refletem um esforço contínuo para promover a qualidade, a inclusão e a internacionalização do ensino. As parcerias com a CPLP, os PALOP e o Brasil reforçam a dimensão lusófona da educação portuguesa, ao mesmo tempo em que ampliam o papel de Portugal como destino de mobilidade académica e centro de intercâmbio cultural.

Capítulo 4: Integração

Este capítulo aborda o conceito de integração, explorando suas diferentes dimensões — social, cultural e educativa — e analisando de que forma esse processo se manifesta na experiência dos estudantes internacionais. Busca-se compreender não apenas o significado e a relevância da integração no contexto do ensino superior, mas também os fatores que motivam os estudantes a estudar no exterior, as dificuldades que enfrentam e os benefícios resultantes da convivência multicultural.

4.1. Definição de integração

A integração é um conceito complexo e multifacetado que desempenha um papel fundamental em diversos aspetos da vida humana. Desde sistemas tecnológicos até interações sociais e econômicas, a integração é essencial para promover a coesão, eficiência e harmonia em diferentes contextos.

O processo integrador pode ser definido como o processo de combinar ou unir diferentes partes ou elementos para formar um todo coeso e funcional. Essas partes podem ser sistemas tecnológicos, grupos de pessoas, culturas, economias ou qualquer outro conjunto de elementos que interagem entre si.

Essa definição é reafirmada por Pires (2012, p. 55) “Integração é o conjunto de processos de constituição de uma sociedade a partir da combinação das suas componentes, sejam elas pessoas, organizações ou instituições.”

A integração visa criar sinergia entre essas partes, permitindo que trabalhem juntas de forma eficaz para alcançar objetivos comuns ou maximizar benefícios mútuos e desempenha um papel crucial na construção de sociedades coesas e inclusivas. Isso envolve a promoção da diversidade, o respeito às diferenças e a criação de espaços onde todos se sintam valorizados e integrados.

Quando diferentes partes de um sistema estão integradas, elas são capazes de se adaptar melhor às mudanças e enfrentar desafios de forma mais eficaz.

A integração em contexto educativo refere-se ao processo de inclusão de todos os alunos em ambientes educacionais, independentemente de suas habilidades, necessidades ou características individuais.

Este conceito promove a ideia de que todos os alunos têm o direito de participar plenamente do sistema educacional e de receber o apoio necessário para alcançar seu máximo potencial.

Em relação a esse ponto Rodrigues (2014, p. 147) diz que “A integração apela à complacência e à consideração para com o outro, o diferente, o diverso. Isto é, reconhece a diversidade e a mesmidade como essências naturalizadas e cristalizadas. Daqui decorre uma pedagogia centrada na identidade, não na diferença.”

Em um contexto educativo integrador, as escolas e as comunidades educativas procuram eliminar barreiras e criar ambientes que sejam acessíveis e acolhedores para todos os alunos. Isso pode envolver a implementação de políticas, práticas e recursos que apoiam a diversidade e a inclusão, bem como a adaptação do currículo, a oferta de suporte individualizado e a promoção de uma cultura escolar que celebre a diferença e o respeito mútuo.

A integração em contexto educativo visa garantir que todos os alunos tenham oportunidades iguais de aprendizagem e desenvolvimento, promovendo assim a equidade e a justiça educacional. Isso também pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, além de promover uma sociedade mais inclusiva e tolerante.

Em relação a esse processo, Branco (2021, p. 315) diz que:

A integração dos saberes e das vivências dos alunos pode ser colocada como uma oportunidade que decorre da flexibilização e maior autonomia na gestão do currículo, e que facilita a construção de conhecimentos mais significativos e contextualizados. Para os docentes significa responder ao desafio de integrar, em sala de aula, as mais variadas vivências e experiências (sociais e culturais), permitindo aprendizagens significativas.

Em suma, a integração é um conceito fundamental que permeia todos os aspetos da vida humana. Seja no nível tecnológico, social, cultural, econômico ou educativo, pois desempenha um papel crucial na promoção da coesão, eficiência e harmonia. Ao reconhecer a importância da integração e trabalhar para promovê-la em nossas comunidades e sistemas, podemos criar um mundo mais justo, sustentável e pacífico para as gerações futuras.

4.2. A motivação dos estudantes internacionais para estudar em outro país

Nos últimos anos, tem havido um aumento significativo no número de estudantes internacionais que optam por estudar em outro país. Esta tendência não é apenas um reflexo da globalização crescente, mas também sugere uma mudança fundamental na percepção da

educação e das oportunidades de aprendizado. Exploraremos as principais motivações por trás dessa decisão, examinando fatores como busca de qualidade acadêmica, exposição cultural, oportunidades de carreira e desenvolvimento pessoal.

Uma das principais razões pelas quais os estudantes internacionais escolhem estudar em outro país é a busca por uma educação de alta qualidade. Muitas vezes, as universidades em países estrangeiros oferecem programas acadêmicos reconhecidos internacionalmente, com currículos inovadores e professores renomados em seus campos.

Estudar em uma instituição de prestígio pode abrir portas para oportunidades de pesquisa e trabalho que podem não estar disponíveis em seus países de origem. Além disso, a exposição a diferentes métodos de ensino e perspectivas culturais pode enriquecer a experiência educacional e preparar os estudantes para os desafios globais do mercado de trabalho.

Os alunos buscam abraçar novos desafios. E como diz Alves (2013, p. 28) “Esta procura revela uma vontade e uma estratégia de investimento numa trajetória escolar de maior reconhecimento internacional do que aquela a que teriam acesso nos locais de partida.”

Outro motivo importante consiste na oportunidade de vivenciar uma nova cultura. Ao mergulhar em um ambiente multicultural, os estudantes têm a chance de expandir seus horizontes, desenvolver uma compreensão mais profunda da diversidade global e aprimorar suas habilidades interculturais. Essa exposição cultural não apenas enriquece suas vidas pessoais, mas também pode ser uma vantagem significativa em um mundo cada vez mais globalizado, onde a capacidade de trabalhar e se comunicar efetivamente com pessoas de diferentes origens é altamente valorizada. Pois, para Lucas (2020, p. 14) “É importante trabalhar no sentido de criar e desenvolver sociedades abertas ao diálogo, regidas pelo respeito mútuo e que sejam conscientes das diferenças e das semelhanças sociais e culturais existentes. “

Para muitos estudantes internacionais, estudar em outro país também representa uma oportunidade de impulsionar suas carreiras. A obtenção de um diploma de uma universidade estrangeira pode aumentar a atratividade dos estudantes no mercado de trabalho global, tornando-os mais competitivos e adaptáveis a ambientes de trabalho diversos. Além disso, pode proporcionar acesso a estágios, oportunidades de emprego e redes profissionais que podem não estar disponíveis em seus países de origem. Para muitos, a perspectiva de adquirir experiência internacional é um fator crucial na decisão de estudar no exterior, pois isso pode abrir portas para oportunidades de emprego em todo o mundo. Alves (2013, p. 14) diz que “Assim, quer a economia, quer a sociedade do conhecimento aludem a uma estrutura de profissionais com um conjunto de competências e habilitações essenciais para o atual desenvolvimento social e económico.”

Além das oportunidades académicas e profissionais, uma formação no exterior também oferece inúmeras oportunidades de crescimento pessoal. Viver em um ambiente estrangeiro desafia os estudantes a saírem de suas zonas de conforto, desenvolverem independência e adaptabilidade, e aprimorarem suas habilidades de resolução de problemas. A experiência de viver longe de casa e enfrentar desafios em um ambiente culturalmente diversificado pode ser transformadora, ajudando os estudantes a se tornarem mais confiantes, tolerantes e abertos a novas experiências. Essas habilidades são inestimáveis não apenas em termos de sucesso académico e profissional, mas também na vida cotidiana e nas interações interpessoais.

“O crescimento pessoal é um dos principais motivos que os estudantes indicam que pretendem incrementar a sua independência, autoconfiança e conhecerem novas pessoas” (Monteiro, 2018, p. 17).

Em suma, a motivação dos estudantes internacionais para estudar em outro país é multifacetada e complexa, com fatores académicos, culturais, profissionais e pessoais desempenhando papéis importantes. À medida que o mundo se torna cada vez mais interconectado, a demanda por uma educação internacional continua a crescer, impulsionada pela busca de excelência académica, exposição cultural, oportunidades de carreira e desenvolvimento pessoal.

4.3. Motivação dos estudantes internacionais para estudarem em Portugal

Portugal emergiu como um destino de estudo popular para estudantes internacionais nos últimos anos. Este fenómeno não é apenas impulsionado pela reputação crescente das instituições de ensino superior do país, mas também por uma série de outros fatores atrativos.

Uma das principais razões pelas quais os estudantes internacionais escolhem estudar em Portugal é a qualidade académica das instituições de ensino superior do país. Muitas universidades portuguesas têm programas de graduação e pós-graduação reconhecidos internacionalmente, oferecendo uma ampla gama de cursos em diversas áreas do conhecimento. Além disso, algumas universidades portuguesas têm parcerias com instituições de renome em todo o mundo, proporcionando oportunidades de intercâmbio e colaboração académica. O reconhecimento internacional dos diplomas obtidos em Portugal também é um atrativo significativo para estudantes que buscam uma educação de qualidade e valorizada globalmente.

“A educação é imprescindível para o desenvolvimento global e equilibrado de qualquer indivíduo tanto a nível pessoal quanto social, já que lhe permite desenvolver conhecimentos,

capacidades, competências, atitudes e valores necessários para sua plena integração na sociedade” (Morais & Morgado, 2016, p. 640).

Em comparação com outros destinos de estudo na Europa, Portugal é frequentemente considerado mais acessível em termos de custo de vida e propinas universitárias. Os estudantes internacionais podem encontrar opções de alojamento e alimentação a preços razoáveis, especialmente quando comparados a países como o Reino Unido ou os Estados Unidos. Além disso, Portugal oferece uma excelente relação custo-benefício em termos de qualidade de vida, com um clima agradável, uma rica oferta cultural e uma atmosfera acolhedora, tornando-o um destino atrativo para estudantes de todo o mundo (Lyrio & Lânes, 2022, p. 123).

A rica cultura e história de Portugal também são motivos de atração para estudantes internacionais. O país oferece uma experiência única, onde a modernidade coexiste harmoniosamente com tradições antigas. Desde as cidades históricas como Lisboa, Porto e Coimbra até as paisagens deslumbrantes do Algarve e do interior rural, Portugal oferece uma variedade de experiências culturais e turísticas para os estudantes explorarem. A atmosfera vibrante e cosmopolita das cidades portuguesas, aliada à hospitalidade do povo português, cria um ambiente propício para o enriquecimento pessoal e cultural dos estudantes internacionais.

Para muitos estudantes internacionais, estudar em Portugal também representa uma oportunidade de impulsionar suas carreiras. O país tem uma economia em crescimento e está se tornando um centro de inovação e empreendedorismo em setores como tecnologia, turismo e indústrias criativas. Além disso, as universidades portuguesas mantêm estreitos vínculos com empresas e organizações internacionais, proporcionando aos estudantes oportunidades de estágio e emprego. A localização estratégica de Portugal, como ponte entre a Europa, África e América do Sul, também oferece vantagens para estudantes interessados em explorar oportunidades globais de carreira.

“Desta forma, entende-se que a promoção do empreendedorismo entre os jovens deve ser incentivada e desenvolvida desde tenra idade, devendo ser implementada desde o primeiro ciclo do ensino básico até ao ensino superior” (Imaginário et al., 2014, p. 343).

Por fim, a língua portuguesa também é um fator motivador para estudantes internacionais escolherem Portugal como destino de estudo. Oportunidades de aprender e aprimorar o idioma podem ser uma vantagem significativa em um mercado de trabalho global cada vez mais diversificado. Além disso, o domínio do português pode abrir portas para oportunidades de carreira em países de língua oficial portuguesa, como Brasil, Angola e

Moçambique, ampliando ainda mais as perspetivas profissionais dos estudantes internacionais.

“O saber a língua, especialmente quando se a domina na totalidade, possibilita o acesso a melhores empregos, relações sociais com outros cidadãos e, portanto, à capital financeiro, social e de distinção” (Branco, 2012, p. 37).

Em resumo, Portugal tem se destacado como um destino de estudo atrativo para estudantes internacionais, oferecendo uma combinação única de qualidade acadêmica, acessibilidade, cultura rica, oportunidades de carreira e vantagens linguísticas. A crescente popularidade do país como destino de estudo reflete não apenas a excelência de suas instituições de ensino superior, mas também o apelo de sua cultura vibrante, clima ameno e estilo de vida descontraído. Para muitos estudantes internacionais, estudar em Portugal representa não apenas uma oportunidade de adquirir uma educação de qualidade, mas também uma experiência enriquecedora que irá moldar seu futuro pessoal e profissional de maneiras profundas e significativas.

4.4. Os desafios dos estudantes internacionais no ensino superior em Portugal

Portugal tem se tornado um destino cada vez mais popular para estudantes internacionais em busca de ensino superior de qualidade, clima agradável e uma rica herança cultural. No entanto, embora ofereça muitas oportunidades, também apresenta uma série de desafios e dificuldades para os estudantes que decidem buscar sua formação acadêmica no país.

Uma das dificuldades mais evidentes para os estudantes internacionais em Portugal é a barreira linguística. Embora muitos programas de graduação sejam oferecidos em inglês, especialmente nas áreas de turismo, negócios e tecnologia, ainda há uma grande parte dos cursos ministrados em português. Isso pode representar um desafio significativo para os alunos que não têm proficiência na língua, dificultando a compreensão das aulas, a interação com colegas e professores e até mesmo a realização de tarefas acadêmicas. E para os falantes do português de outros países, nem sempre é fácil a inserção no português falado e escrito em Portugal.

Quanto a isso, Rajput (2012, p. 01) diz que “o governo português está a tomar medidas no sentido de os imigrantes se sentirem mais integrados na sociedade de acolhimento, sendo já reconhecida pelas entidades governamentais a importância da língua na integração dos imigrantes. “

A adaptação a uma nova cultura pode ser um processo complexo e desafiador para os estudantes internacionais. Portugal tem uma cultura única, com suas próprias tradições, costumes e valores. Para alguns estudantes, especialmente aqueles vindos de países muito diferentes, como os asiáticos ou americanos, essa transição pode ser difícil. Questões como diferenças no sistema educacional, práticas sociais e até mesmo hábitos alimentares, podem gerar desconforto e estranhamento inicial.

O ensino superior em Portugal é conhecido por seu rigor acadêmico e exigência. Os estudantes internacionais muitas vezes enfrentam uma pressão adicional para se adaptarem rapidamente ao sistema educacional e manterem um desempenho acadêmico de alto nível. A necessidade de conciliar estudos, trabalho e vida pessoal pode ser esmagadora para alguns estudantes, especialmente aqueles que estão longe de sua rede de apoio familiar e social.

“Verifica-se que Portugal é um país que tem se mostrado comprometido com estes planos educacionais integradores e voltado para o atendimento pleno às novas necessidades sociais, que são crescentes e constantes, visto que a imigração é dinâmica, cotidiana” (Maia, 2022, p. 31).

Embora Portugal seja geralmente considerado um destino mais acessível em termos de custo de vida e propinas universitárias, em comparação com outros países europeus, os custos ainda podem representar um desafio para muitos estudantes internacionais. Além das propinas, os alunos também enfrentam despesas adicionais, como moradia, alimentação, transporte e material didático. Para aqueles que não têm acesso a bolsas de estudo ou outras formas de assistência financeira, esses custos podem se tornar um fardo significativo.

No contexto europeu, o peso das despesas de educação e de vida sobre o PIB per capita e sobre a mediana do rendimento dos países coloca os estudantes portugueses entre aqueles que realizam o maior esforço para estudar, permitindo afirmar sem sombra de dúvida que a acessibilidade financeira (*affordability/ability to pay*) dos estudantes portugueses é desfavorável no contexto internacional (Cerdeira et al., 2018, p. 261).

A integração social pode ser um dos maiores desafios para os estudantes internacionais em Portugal. A falta de conexões sociais e de apoio emocional pode levar ao isolamento e à solidão, afetando negativamente o bem-estar mental e emocional dos estudantes. Além disso, as barreiras linguísticas e culturais também podem dificultar a formação de amizades e relacionamentos significativos com os colegas locais.

E como diz Brigeiro (2006, p. 53): “A integração e a inserção social dos imigrantes é um problema que requer uma mobilização colectiva, nomeadamente, por parte dos agentes receptores, e de um ajuste da percepção destes quer sobre as especificidades da comunidade que imigra.”

Em conclusão, os estudantes internacionais enfrentam uma série de desafios e dificuldades ao buscar ensino superior em Portugal. Desde a barreira linguística e cultural até os custos financeiros e a pressão académica, esses obstáculos podem representar verdadeiros testes de resiliência e determinação para os estudantes. No entanto, com o apoio adequado das instituições de ensino, governos e organizações de apoio, muitos desses desafios podem ser superados, permitindo que os estudantes internacionais aproveitem ao máximo sua experiência educacional em Portugal. Assim, compreender e mitigar esses desafios é essencial para garantir que a experiência académica dos estudantes internacionais seja positiva e sustentável, fortalecendo a reputação de Portugal como destino de ensino superior inclusivo.

4.5. Integração de estudantes nacionais e internacionais em Portugal: benefícios e oportunidades

Portugal tem se destacado como um destino de estudo cada vez mais popular para estudantes internacionais em busca de uma educação de qualidade, cultura rica e um ambiente acolhedor. A integração entre estudantes nacionais e internacionais nesse contexto traz consigo uma série de benefícios significativos não apenas para os próprios estudantes, mas também para as instituições de ensino e para a sociedade em geral.

Uma das maiores vantagens da integração entre estudantes nacionais e internacionais é o enriquecimento cultural e linguístico que resulta desse intercâmbio. Estudantes de diferentes países trazem consigo suas próprias perspectivas, experiências e tradições culturais, criando um ambiente diversificado e estimulante dentro das universidades portuguesas. Essa diversidade cultural promove a compreensão intercultural e a tolerância, preparando os estudantes para um mundo globalizado. Além disso, a interação constante entre falantes nativos e aprendizes de diferentes idiomas facilita a prática e o aprimoramento das habilidades linguísticas, um ativo valioso em um mundo cada vez mais conectado (Branco, 2012, p. 46).

A integração entre estudantes nacionais e internacionais também estimula a colaboração e a inovação. Ao trabalharem juntos em projetos académicos e extracurriculares, os estudantes têm a oportunidade de compartilhar ideias, conhecimentos e abordagens diversas, levando a soluções mais criativas e eficazes. Essa troca de

experiências não apenas enriquece o aprendizado dos estudantes, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades essenciais, como trabalho em equipe, comunicação intercultural e resolução de problemas, preparando-os para enfrentar os desafios do mercado de trabalho global (Chintoan, 2004, p. 19).

A interação entre estudantes nacionais e internacionais em Portugal não se limita ao ambiente acadêmico, ela também cria oportunidades significativas de networking e desenvolvimento profissional. Ao estabelecerem relações com colegas de diferentes partes do mundo, os estudantes expandem suas redes de contatos globais, o que pode abrir portas para estágios, empregos e colaborações futuras em diversas indústrias e países. Além disso, a experiência de estudar em um ambiente multicultural pode ser altamente valorizada pelos empregadores, destacando-se como um diferencial competitivo no mercado de trabalho cada vez mais globalizado.

Por fim, a integração entre estudantes nacionais e internacionais em Portugal contribui para o fortalecimento do entendimento global e da cooperação internacional. Ao vivenciarem a diversidade cultural em primeira mão, os estudantes desenvolvem uma maior sensibilidade às questões globais e uma apreciação pela riqueza da diversidade humana. Essa consciência global é fundamental para abordar desafios globais urgentes, como as mudanças climáticas, a desigualdade social e os conflitos internacionais, incentivando a colaboração entre países e culturas para buscar soluções sustentáveis e inclusivas (Brigeiro, 2006, p. 137).

Em suma, a integração entre estudantes nacionais e internacionais em Portugal não apenas enriquece a experiência educacional de cada indivíduo, mas também contribui para a construção de um mundo mais interconectado, diversificado e harmonioso. Ao promover a compreensão intercultural, a colaboração global e o desenvolvimento pessoal e profissional, essa integração se destaca como um elemento essencial na formação de cidadãos globais preparados para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades do século XXI.

Parte II

Capítulo 5: Metodologia

O estudo adotou uma abordagem de pesquisa mista, utilizando tanto questionários fechados, para obter dados quantitativos, quanto entrevistas semiestruturadas, para uma análise qualitativa mais detalhada das experiências dos estudantes.

5.1 Problemática

A integração de estudantes internacionais no ensino superior tem-se revelado um tema de crescente relevância, especialmente em instituições que recebem um número significativo de alunos provenientes de diferentes contextos culturais e geográficos. No Politécnico de Santarém, apesar do esforço institucional em oferecer acolhimento e suporte académico, muitos estudantes enfrentam desafios relacionados à adaptação cultural, social e linguística, bem como à participação plena nas atividades académicas e extracurriculares. Essa realidade levanta uma problemática central: compreender de que forma os estudantes internacionais vivenciam a integração na instituição e identificar os fatores que favorecem ou dificultam esse processo.

O estudo, portanto, propõe como objetivos principais mapear as motivações e expectativas dos estudantes internacionais, analisar as barreiras e facilitadores do processo de integração, avaliar o papel do apoio institucional e identificar estratégias que possam promover um ambiente académico mais inclusivo. Busca-se ainda compreender como a interação com estudantes portugueses e a participação em atividades extracurriculares contribuem para o sentimento de pertença e bem-estar académico e social.

A questão de investigação que orienta este estudo pode ser formulada da seguinte forma: de que maneira os estudantes internacionais experienciam a integração no Politécnico de Santarém, quais são os desafios enfrentados e como a instituição pode melhorar o seu acolhimento para promover uma integração mais eficaz e inclusiva?

5.2 Caracterização da instituição

O Instituto Politécnico de Santarém (IPSantarém) é uma instituição pública de ensino superior situada na região do Ribatejo, no centro de Portugal. ¹Atualmente, conta com cerca de 5.000 estudantes, distribuídos por cinco escolas localizadas nas cidades de Santarém e Rio

¹ Instituto Politécnico de Santarém (n.d). Institucional: missão e valores. Recuperado em 16 de Setembro de 2025, de <https://www.ipsantarem.pt>.

Maior: Escola Superior de Educação, Escola Superior Agrária, Escola Superior de Gestão e Tecnologia, Escola Superior de Saúde e Escola Superior de Desporto de Rio Maior.

A sua oferta formativa integra cursos técnicos superiores profissionais (TeSP), licenciaturas, mestrados e pós-graduação, disponibilizando ainda algumas formações em regime de b-learning. Atualmente, o Instituto integra também programas de doutoramento, reforçando a sua aposta na investigação e na qualificação avançada.

Para além da proximidade com a comunidade regional, o IPSantarém assume igualmente uma dimensão internacional, promovendo a mobilidade académica e estabelecendo parcerias com diversas instituições estrangeiras, o que contribui para a atração e integração de estudantes internacionais.

5.3 Amostra

Inicialmente, a pesquisa foi concebida com o objetivo de analisar a integração de estudantes internacionais exclusivamente da Escola de Educação do Politécnico de Santarém. Contudo, ao ser aplicado o questionário nessa unidade, verificou-se uma reduzida taxa de resposta, o que poderia comprometer a robustez e a validade dos dados recolhidos. Para garantir maior representatividade da amostra e complementar a investigação, optou-se por alargar o envio do questionário a estudantes internacionais de outras escolas do Politécnico de Santarém. Essa decisão permitiu recolher um número mais expressivo de respostas, ampliando a diversidade de perspetivas e enriquecendo a compreensão do fenómeno estudado, sem, no entanto, perder o foco na realidade institucional do Politécnico.

A amostra deste estudo foi composta por onze estudantes internacionais falantes da língua portuguesa que responderam ao questionário enviado. Com uma faixa etária variando entre 21 e 52 anos, a amostra inclui uma diversidade de experiências de vida, refletida também em diversas nacionalidades. A maioria reside em Santarém e frequenta o curso em diferentes níveis, desde o Técnico Superior Profissional (TESP) até o Mestrado, distribuídos por cursos variados como Enfermagem, Gestão de Organizações Desportivas, Recursos Digitais em Educação, entre outros. Dentre os estudantes internacionais que responderam ao questionário, temos um estudante da Escola Superior de Desporto; dois estudantes da Escola Superior de Saúde; dois estudantes da Escola Superior Agrária e seis estudantes da Escola Superior de Educação.

Complementarmente, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com três (3) estudantes da Escola Superior de Educação, que anteriormente responderam ao questionário permitindo uma análise mais aprofundada das experiências de integração no ensino superior.

5.4 Instrumentos

Um dos instrumentos de recolha de dados utilizados neste projeto foi um questionário, elaborado pela autora em língua portuguesa e inspirado em leituras e observações de outros modelos. O questionário foi composto por 24 perguntas, sendo 20 de natureza fechada e 4 de natureza aberta, com o intuito de recolher dados sociodemográficos e, ao mesmo tempo, explorar aspetos relacionados às expectativas, dificuldades e sugestões dos estudantes, bem como à satisfação com o suporte institucional, à integração na comunidade académica e aos desafios culturais vividos. De acordo com Bastos, Souza, Silva e Aquino (2023, p. 03), “um questionário pode ser definido como um conjunto de perguntas, que obedecem a uma sequência lógica, sobre variáveis e circunstâncias que se deseja medir ou descrever”. Essa definição reforça o papel do questionário enquanto ferramenta estruturada que possibilita uma análise sistemática do fenómeno em estudo.

Assim, o questionário revelou-se não apenas um meio de recolher dados objetivos sobre os estudantes internacionais, mas também uma oportunidade de aceder às suas perceções, atitudes e representações em relação ao processo de integração. Tal como observa Gonçalves (2004, p.78), ainda que com algumas limitações, esta técnica possibilita o estudo sistemático de dimensões subjetivas, oferecendo uma base sólida para compreender os desafios e as potencialidades do percurso académico e social dos estudantes internacionais no Politécnico de Santarém.

Utilizou-se também como instrumento uma entrevista semiestruturada, elaborada com base nos objetivos da pesquisa. As entrevistas semiestruturadas, por sua vez, permitiram uma exploração mais profunda das experiências e perceções subjetivas dos estudantes. “A entrevista na pesquisa qualitativa, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo.” (Fraser & Gondim, 2004, p. 140).

O roteiro da entrevista incluiu questões abertas que abordaram temas como motivação para estudar em Portugal, desafios enfrentados durante a adaptação, experiências académicas e sociais e apoio institucional recebido.

5.5 Procedimentos

Quanto ao procedimento inicial foi feito um contato com a direção da Escola de Educação do Politécnico de Santarém para solicitar o envio do questionário aos estudantes internacionais da escola citada.

O envio do questionário, após a aprovação da direção, foi enviado por e-mail (primeiramente apenas dirigido a Escola de Educação e depois às outras escolas), alcançando a amostra selecionada de 36 estudantes internacionais de diferentes nacionalidades, todos falantes da língua portuguesa, por meio da plataforma Google Forms, e foi obtido um total de 11 respostas.

No próprio instrumento, foi solicitado que os participantes que se sentissem confortáveis para aprofundar as questões em entrevistas individuais deixassem o seu e-mail de contato. Essa opção permitiu complementar os dados quantitativos com informações qualitativas, alinhando-se ao que Gonçalves (2004, p. 78) sublinha ao afirmar que “o inquérito permite-nos aceder a um elevado número de informações sobre os indivíduos. Acerca do passado, da intimidade, de práticas actuais dificilmente abertas, por exemplo, à observação”. A pesquisa do questionário realizada com 11 participantes que frequentam o Politécnico de Santarém oferece uma visão abrangente sobre o perfil e as experiências de estudantes internacionais na instituição.

Em relação aos procedimentos das entrevistas, os estudantes internacionais foram inicialmente contactados por correio eletrónico, no qual foram apresentadas informações sobre o estudo, o objetivo da entrevista e os termos de participação, incluindo garantias de anonimato e confidencialidade. Após a concordância, foi agendada a data e o horário da entrevista, com cada sessão tendo duração máxima de 30 minutos. As entrevistas foram realizadas de forma online, garantindo um ambiente confortável e adequado para a coleta de dados. Todas as entrevistas foram gravadas, mediante consentimento dos participantes, para posterior transcrição e análise. A preparação do roteiro e a execução das entrevistas seguiram os princípios éticos, respeitando a autonomia e a privacidade dos participantes, em conformidade com os regulamentos da instituição e as diretrizes de pesquisa científica.

O objetivo geral desta análise se refere a entender as dificuldades, expectativas e o nível de integração dos estudantes internacionais no Politécnico de Santarém, buscando obter sugestões para melhorar a experiência académica e social dos mesmos.

Em suma, os procedimentos adotados garantiram o rigor ético e científico da investigação, assegurando a confidencialidade e o consentimento informado dos participantes. As informações coletadas foram posteriormente transcritas, organizadas e analisadas de acordo com os objetivos definidos, constituindo a base empírica para a apresentação e discussão dos resultados no capítulo seguinte.

Capítulo 6: Apresentação e análise de dados

A integração de estudantes internacionais no contexto do ensino superior é um tema que tem recebido crescente atenção nas últimas décadas. O fenómeno da globalização tem contribuído para o aumento da mobilidade académica, resultando em um cenário educacional mais diverso e multicultural.

O Politécnico de Santarém, com sua rica diversidade de estudantes internacionais, tem procurado se adaptar a essa nova realidade, oferecendo aos seus alunos um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor.

Este capítulo visa realizar uma análise qualitativa e quantitativa dos dados coletados por meio de um questionário (N=11) e três entrevistas semiestruturadas (E1,E2,E3), com o objetivo de compreender as experiências de integração dos estudantes internacionais na instituição.

Para isso, recorreremos à pesquisa mista, que combina dados quantitativos com informações qualitativas, conforme descrito por Creswell (2012, p. 76), que enfatiza que essa abordagem permite uma visão mais profunda sobre os fenómenos sociais. A análise se baseia na exploração das barreiras e facilitadores que os estudantes encontram durante o processo de integração, tanto no âmbito académico quanto no social e cultural.

A teoria de Berry (1997, p. 295) sobre aculturação, que sugere que a integração bem-sucedida depende do equilíbrio entre a preservação da identidade cultural e a adaptação ao novo contexto, serve como base para entender os desafios enfrentados pelos estudantes internacionais. Além disso, os estudos de Ward, Bochner e Furnham (2001, p. 24) ressaltam a complexidade da adaptação cultural, que muitas vezes é mais difícil do que a adaptação académica, devido à necessidade de compreender novas normas sociais e comportamentais. Ao investigar a realidade, emergem questões importantes sobre as motivações, os desafios e o nível de integração dos estudantes internacionais no Instituto Politécnico de Santarém (IPS).

A discussão visa triangular os achados para compreender as complexidades que esses estudantes enfrentam ao tentar se adaptar tanto ao ambiente académico, quanto à vida social em Portugal.

6.1 Caracterização sociodemográfica e académica da amostra

A amostra (N=11) foi composta por estudantes de nacionalidades diversas. A fim de preservar o anonimato, as nacionalidades não foram citadas e também as questões referentes a essa informação foram excluídas dos anexos.

A distribuição de género foi equilibrada, com 55,6%, (n=5) de inquiridas do sexo feminino e 44,4%, (n=4) do sexo masculino (desconsiderando duas respostas omissas). A idade dos participantes variou de 21 a 52 anos, com uma média de 30,7 anos, o que sugere uma população com maturidade e experiência prévia.

Relativamente à condição laboral, 36,4%, (n=4) dos estudantes assumiram a condição de trabalhador-estudante. Este achado é relevante, pois a conciliação entre responsabilidades profissionais e exigências académicas representa um fator de stress e limitação temporal, que pode afetar o envolvimento em atividades de integração social e aumentar o risco de exaustão, tal como reportado por E1, que sentiu uma sobrecarga significativa ao tentar conciliar o teletrabalho com as aulas síncronas.

Tabela 1. Distribuição da amostra por ciclo de estudos e tempo de residência em Portugal

VARIÁVEL	CATEGORIA	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM %
CICLO DE ESTUDOS	Mestrado	6	54,5
	Licenciatura	4	36,4
	Tesp	1	9,1
TEMPO EM PORTUGAL	Menos de 6 meses	4	36,4
	1 ano	2	18,2
	2 anos	3	27,3
	3 anos ou mais	2	18,2

Os dados evidenciam que a maioria (54,5%, n=6) frequenta o nível de Mestrado, o que reforça a motivação pela qualificação avançada. Importa notar a elevada percentagem de estudantes que residem em Portugal há menos de um ano (54,6%, n=6), indicando que uma parte significativa da amostra se encontrava numa fase inicial e crítica de ajustamento.

6.2 Motivações e expectativas: da antecipação à realidade

Esta secção foca-se nas razões subjacentes à escolha de Portugal e na confrontação das expectativas iniciais dos estudantes com a perceção da realidade.

6.2.1 Motivações para a escolha académica

Uma das questões abordadas no questionário (Q.10) investigou as principais motivações dos estudantes para escolherem Portugal como destino académico, essas respostas que foram obtidas através de uma questão aberta do questionário, são apresentadas a seguir.

Tabela 2. Motivações primárias para a escolha de Portugal (N=11)

MOTIVAÇÃO	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Adquirir um grau académico	3	27,3
Atualizar conhecimentos	2	18,2
Facilidade de entrar na universidade	2	18,2
Domínio da língua portuguesa	2	18,2
Carinho pelo país, cultura e pessoas	1	9,1
Mobilidade	1	9,1

As motivações para estudar em Portugal e, especificamente, no IPS, estão ancoradas em objetivos claros. A aquisição de um grau académico (27,3%, n=3) se mostra como principal motivação. Estes estudantes parecem valorizar a qualidade e o prestígio do ensino superior em Portugal, associando-os à obtenção de um grau que possa aumentar suas oportunidades no mercado de trabalho.

A atualização de conhecimentos (18,2%, n=2) foi uma forte motivação, o que sugere que o ambiente académico português é visto como propício para o desenvolvimento e a expansão do saber.

À facilidade de entrada em universidades portuguesas, o que pode estar relacionado com processos de candidatura mais acessíveis ou menos competitivos em comparação a outros países foram citadas por 18,2%, (n=2).

O fator linguístico, nomeadamente o conhecimento da língua portuguesa foi citado por 18,2 %, (n=2) dos participantes como um facilitador chave, sublinhando a importância da CPLP neste contexto.

Apenas 9,1%, (n= 1) mencionou a mobilidade como motivação principal, reforçando a ideia de que Portugal é parte de um contexto educativo internacional que favorece a circulação de estudantes.

Por fim, um estudante destacou “eu tenho um carinho pelo país, sua cultura e as pessoas” como a principal motivação. Este dado sugere que fatores culturais e pessoais também desempenham um papel significativo na decisão de estudar no estrangeiro.

6.2.2 Confronto de expectativas

Uma das questões da pesquisa se refere às expectativas que os estudantes tinham ao escolher Portugal como destino de estudos. As respostas variam bastante, o domínio da língua portuguesa, por exemplo, como motivação (Tabela 2) está ligado à expectativa de facilidade de integração. Por outro lado, as respostas abertas revelaram que o desejo de melhorar a qualidade de vida, segurança e estabilidade constituiu uma constante, refletindo a complexidade das motivações (pessoais, sociais e económicas) por trás da imigração.

Pode-se dizer, portanto, que no imaginário de um “estudante-migrante” se pode formar a imagem de como será o acolhimento no país e na instituição de destino, a partir das informações que obtiveram antes de partir, e isto poderá movê-lo, ou não, para a ação de migrar.

Quando um imaginário de aproximação com outro país é desenvolvido, o mesmo será colocado à prova no momento da chegada, assim que ocorrerem os primeiros contatos com o país de destino. É nesta fase que poderá emergir um quadro de “estranhamento” diante da realidade, face à representação que o, agora imigrante, tinha antes de emigrar (Ferreira & Callou, 2016, p. 13), uma vez que a vivência cotidiana poderá desconstruir o imaginário.

O idioma foi igualmente central. A crença de que “a ausência da barreira linguística facilitaria a integração” (E2) ressoa com o dado da Tabela 2, ao mesmo tempo que ecoa a perspectiva de Alves (2013, p. 56) sobre o domínio linguístico ser essencial. Alves (2013, p. 56) diz que “a integração dos migrantes nas sociedades depende essencialmente do seu domínio da língua nacional.”

Alguns mencionam a expectativa de se adaptar facilmente, tanto cultural quanto

socialmente, destacando a crença em uma boa integração em Portugal. Outros esperavam avançar na carreira, como o participante que aspirava se tornar um “grande enfermeiro”.

Essa diversidade de expectativas reflete a complexidade das motivações por trás da imigração, onde fatores pessoais, sociais e económicos convergem. Contudo, nem todas as expectativas foram positivas. Um dos participantes destacou que, apesar de acreditar que os portugueses eram “amáveis”, havia uma preocupação com o racismo no país, o que revela uma preocupação anterior com possíveis barreiras culturais. Além disso, outros estudantes compartilharam a expectativa de “melhorar a qualidade de vida”, um fator essencial para aqueles que deixaram seus países de origem em busca de estabilidade.

No entanto, as expectativas positivas iniciais, como a “melhoria na qualidade de vida” ou o “gosto do país, cultura e povo português” (E1), foram confrontadas com barreiras estruturais.

6.2.3 Desafios



Figura 5. Principais desafios relatados por estudantes internacionais no Politécnico de Santarém ²

A segunda parte do questionário revela uma diversidade de desafios. A análise das respostas obtidas por meio do questionário aplicado aos estudantes internacionais da Escola de Educação do Politécnico de Santarém revela um conjunto significativo de dificuldades enfrentadas por esse público no processo de integração académica e social.

² Figura desenvolvida pela autora

E3 descreve o acesso à residência como um processo de "burocracia gigantesca" que exigia documentos impossíveis de obter por quem acabava de chegar. Esta frustração burocrática obrigou o casal a "ler, reler e até decorar o estatuto do estudante internacional" para forçar o cumprimento dos seus direitos. Da mesma forma, E1 relatou a ansiedade sentida ao tentar organizar a documentação (NIF, NISS) sem um apoio claro. A carência de suporte em questões tão basilares contribui para a sensação de desamparo e stress emocional.

As dificuldades não logísticas (Q13) incluíram: a perceção de discriminação ou diferenciação por parte de professores, a não-aceitação de colegas portugueses (especificamente sobre a linguagem) e o desafio na adaptação às metodologias de ensino.

A dificuldade em conseguir alojamento é um dos problemas mais salientes. A procura por um lugar para viver, seja pela escassez de opções ou pelo custo elevado, pode ser um problema significativo, especialmente nas grandes cidades.

Seguido pelo elevado custo de vida, este é um fator comum entre estudantes internacionais, que muitas vezes enfrentam dificuldades para manter-se financeiramente em países com um custo de vida mais elevado.

E há o desafio de encontrar trabalho, indicando que o contexto económico pode apresentar barreiras para quem deseja trabalhar enquanto estuda.

Um estudante relatou dificuldades de adaptação ao clima, o que demonstra que aspetos relacionados ao ambiente natural também podem impactar a experiência do estudante internacional.

Um estudante destacou as diferenças metodológicas de ensino e de avaliação como a maior dificuldade enfrentada, indicando que a transição para um novo sistema educativo pode exigir uma adaptação considerável.

Outro aspeto mencionado foi a dificuldade de compreensão das aulas e a metodologia de ensino. Para alguns, essa falta de integração se manifesta tanto em problemas de comunicação com os professores quanto na sensação de exclusão social. Um dos participantes relatou que os docentes não tratavam os estudantes de maneira inclusiva, sendo "frios e distantes" as interações, enquanto outro mencionou a falta de reconhecimento académico de diplomas anteriores, uma questão comum entre estudantes internacionais. Foi mencionado que há uma distinção entre estudantes nacionais e internacionais, o que não é percebido de forma positiva.

Entre os principais desafios mencionados, destacam-se a dificuldade de encontrar alojamento adequado, a dificuldade em conseguir trabalho, o elevado custo de vida e o sentimento de solidão e isolamento. Esses fatores, apontados como os mais recorrentes entre os participantes, evidenciam que a integração vai muito além do espaço académico, abrangendo também aspetos sociais, emocionais e económicos.

Em suma as dificuldades traduzem-se em uma situação difícil das condições de vida desses estudantes que podem ser de origem financeira; relacionadas com o alojamento; académicas; extra académicas e linguísticas que podem ter como consequência, sentimentos de nostalgia em relação ao país de origem, à família e aos amigos, a perda de auto estima, depressão, isolamento, desconfiança face aos professores, insucesso escolar e em alguns casos o abandono escolar (Figueiredo, 2005, p. 117).

6.2.4 A contradição da integração percebida

Apesar das dificuldades logísticas e sociais, 72,7% (n=8) dos inquiridos consideraram o seu nível de integração como "Integrado", enquanto apenas 27,3% (n=3) se classificaram como "Pouco Integrado". Esta contradição aparente sugere que o conceito de "integração" para a amostra pode ser mais funcional do que social. A integração pode ser vista como o sucesso na adaptação académica e na superação das barreiras logísticas, em detrimento do bem-estar social ou emocional.

6.3 Análise qualitativa: o percurso do estudante internacional

A integração transcende a mera adaptação funcional, envolvendo a interação com a cultura hospedeira e os pares (Ward, Bochner e Furnham, 2001, p. 30).

Para complementar os dados obtidos por meio do questionário aplicado aos estudantes internacionais, foram realizadas três entrevistas semiestruturadas (E1, E2 e E3) com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre as dificuldades enfrentadas no processo de integração em uma instituição de ensino superior em Portugal.

As entrevistas permitiram explorar, de forma mais detalhada e subjetiva, as experiências vivenciadas por esses estudantes, trazendo à tona percepções pessoais, sentimentos e sugestões que nem sempre emergem em respostas fechadas.

Através desses relatos, foi possível captar nuances importantes sobre os desafios cotidianos, as estratégias utilizadas para lidar com as adversidades e as expectativas em relação ao apoio institucional, além de perceber as perspectivas distintas sobre os processos de acolhimento, integração e aprendizado, enriquecendo a análise e oferecendo subsídios relevantes para a construção de propostas mais eficazes de acolhimento e inclusão.

A análise concentra-se em identificar aspetos comuns e singulares das vivências relacionadas, explorando temas como barreiras linguísticas, redes de apoio, expectativas académicas e impactos pessoais da experiência de estudo fora do país de origem.

A abordagem qualitativa adotada permite dar voz aos participantes, valorizando suas narrativas e oferecendo uma compreensão aprofundada das dinâmicas que permeiam o contexto educacional e intercultural no qual estão inseridas.

6.3.1 O suporte institucional como fator crítico de sucesso

Os resultados demonstram que a qualidade da experiência do estudante internacional no IPS não é uniforme, sendo altamente dependente do suporte proativo e estruturado que é oferecido. A diferença entre o sucesso e o abandono reside, frequentemente, na resposta da instituição às necessidades emergentes.

Muitos esperavam um suporte mais robusto, especialmente relacionado ao alojamento, integração social e facilitação acadêmica.

A experiência de E1 e E3 contrasta drasticamente com a de E2, evidenciando uma falta de uniformidade no atendimento e suporte. No caso de E1, contrasta uma primeira experiência altamente positiva (mestrado em grupo com apoio logístico e alojamento organizado) com uma segunda experiência (individual) marcada pela ausência de acolhimento e pela ansiedade gerada por questões burocráticas (NIF, NISS, SEF).

Similarmente, E3 descreve a sua chegada como um período de total desamparo, com problemas "gigantescos" no acesso ao alojamento e serviços, obrigando o casal a "decorar o estatuto do estudante internacional" para fazer valer os seus direitos, sendo a ajuda conseguida apenas após intervenção externa. E3 refere que a comunicação com a coordenação e a secretaria nos primeiros meses foi "muito complicada," com respostas lentas e automáticas, só havendo mudança na atitude institucional após intervenção externa de um contacto com a direção.

"Não houve ajuda da secretária, uma orientação... foi muita burocracia e eles dificultam muito. No fim das contas, a gente teve que se virar e assim estamos nos virando até hoje." (E3)

Por outro lado, E2 descreve uma experiência exemplar. O curso do Mestrado em Educação Social foi escolhido especificamente pela acessibilidade da coordenadora (E2), que se mostrou disposta a ajudar e a conversar antes mesmo da matrícula, com o IPS quebrando o estigma de instituições anteriores. A acessibilidade da coordenadora, o apoio nos serviços académicos e a solução logística de pernoita na residência universitária para as aulas b- learning foram determinantes para o sucesso e criou um "senso de pertencimento" e uma "memória afetiva muito boa," provando que o IPS tem potencial para acolher de forma eficaz. "Eu entrei em contato com a coordenadora do curso e expliquei... E sim, tanto o coordenador do curso quanto os serviços académicos foram assim.. super acessíveis comigo." (E2)

Essa experiência está em linha com as ideias de Andrade (2006, p. 34), que destaca o papel crucial das instituições de ensino na criação de um ambiente de apoio social e emocional para os estudantes internacionais.

A percepção de apoio institucional favoreceu a adaptação dessa referida estudante, permitindo que ela se sentisse mais à vontade para explorar novas oportunidades sociais dentro da comunidade académica. Astin (1993, p. 404) também enfatiza que o envolvimento dos estudantes nas atividades académicas e sociais está diretamente relacionado à sua satisfação e sucesso, e o apoio de docentes e colegas pode ser um fator determinante nesse processo.

Além disso, o apoio da comunidade académica é fundamental para superar as barreiras culturais e linguísticas. Como sugerido por Andrade (2006, p. 37), o sucesso da adaptação dos estudantes internacionais depende tanto do suporte académico quanto do social e esse apoio pode facilitar a integração, minimizando o impacto das diferenças culturais. Isso sugere que a percepção do suporte institucional pode variar de acordo com a experiência individual e com o nível de preparação dos estudantes para lidar com a burocracia e as rotinas académicas em outro país.

As sugestões de melhoria (Q24, E3) reforçam a necessidade de um acolhimento formal e organizado logo na chegada, para dar orientação e apoio nas dificuldades burocráticas e logísticas, que são o principal fator de stress (Figura 5).

Além de maior agilidade no atendimento a questões específicas dos estudantes internacionais, como resposta rápida a e-mails e atendimento de suas necessidades particulares, como alojamento.

E1 sugeriu que “a instituição poderia ser mais proativa na criação de eventos ou grupos de integração, onde estudantes de diferentes nacionalidades pudessem se encontrar e compartilhar experiências, facilitando assim a adaptação ao novo ambiente.”

6.3.2 O poder da integração social estruturada

A dificuldade em interagir com os colegas portugueses, já sinalizada nas dificuldades percebidas (Q13), revela-se um dos aspetos mais dolorosos e desintegradores, tanto no contexto académico quanto no convívio cotidiano.

Foi mencionado que os estudantes portugueses tendem a ser mais reservados e que a competitividade entre eles pode limitar a criação de laços mais próximos com outras pessoas. Além disso, os estudantes internacionais sentem-se ignorados e excluídos dos grupos de trabalho pré-existentes.

E2 explica que os colegas portugueses estão focados em "ganhar 20 valores" e veem os estrangeiros como uma "ameaça constante" em vez de um potencial de troca. E1 resume a experiência interpessoal "Eles são muito focados no fazer. Em terminar a tarefa. Mas eles não têm a intenção de troca. Não me sinto parte. Sinto uma distância, no geral, enorme entre meus colegas, professores e funcionários da instituição."

A sensação de exclusão é evidente, percebe-se que as barreiras culturais e sociais criam um obstáculo maior do que o idioma, o que atinge muitas vezes diretamente no desempenho acadêmico já que trabalhos em grupos ocorrem ocasionalmente.

"Não fui maltratada nem nada, mas eu não me senti acolhida. Eles seguiram o fluxo deles sem me atualizar, sem dar tempo de eu entender como é que funcionava as coisas. Tentei não ser mais tão participativa, sabe? Porque não era muito ouvida. Era meio que ignorada, sabe?". (E1)

"Os outros alunos não eram acessíveis. Ninguém queria fazer trabalho comigo". (E3)

Essas observações sugerem uma barreira social na integração com colegas portugueses, o que afetou negativamente a sensação de pertencimento. Esse comentário destaca a complexidade das interações sociais que os estudantes internacionais enfrentam em ambientes de ensino superior.

Ward et al. (2001, p. 25) discutem que as diferenças culturais podem criar barreiras invisíveis que dificultam o processo de integração social. A sensação de ser "deixada de fora" é uma experiência comum entre estudantes internacionais, especialmente quando há uma falta de iniciativas institucionais para promover a interação intercultural.

Porém uma das estudantes relatou que, no início, teve dificuldade em se aproximar dos estudantes locais, mas com o tempo conseguiu desenvolver boas relações com eles. "Foi necessário um esforço proativo da minha parte para iniciar conversas e participar de atividades em grupo." (E1)

E1 observou que os colegas portugueses se mostraram receptivos quando ela demonstrou interesse em se aproximar, mas que não tomavam a iniciativa. Esse ponto sugere que, embora os estudantes locais possam não ser naturalmente proativos em incluir estrangeiros, quando abordados, eles podem ser receptivos. A atitude pessoal e a disposição de buscar ativamente conexões podem influenciar de maneira significativa a experiência de integração social.

As atividades de integração social, quando existiram, revelaram-se cruciais para o bem-estar dos estudantes. Estudantes internacionais, especialmente aqueles vindos de países de língua portuguesa, mencionaram barreiras relacionadas à aceitação por parte dos colegas.

E2 descreve a Semana Ubuntu como um "divisor de águas" que permitiu a criação de uma rede de suporte entre diferentes nacionalidades. A possibilidade de pernoitar na

residência universitária durante as aulas b- learning (E2) também facilitou a criação de vínculos, o que é um apoio logístico de integração extremamente valioso.

Em contraste, E1 e E3 relataram a ausência de eventos organizados pela instituição. E1 só participou num encontro de estrangeiros organizado por terceiros, onde se sentiu demasiado "magoadá" e "perdida" para conseguir interagir. Este é um dado crítico: os estudantes em maior stress são os que mais precisam de intervenção e os que têm menos capacidade para procurar ativamente grupos sociais.

As sugestões de melhoria (Q24, E3) reforçam a necessidade de políticas institucionalizadas que visem o acolhimento formal, uma recepção e orientação estruturadas à chegada, que abranjam a estrutura do campus e a burocracia documental, além de uma sensibilização cultural para preparar os estudantes portugueses e os docentes para lidar com a diversidade cultural e o conflito linguístico, promovendo uma cultura de inclusão.

6.3.3 O conflito linguístico e a rejeição académica

Um dos achados mais singulares e dolorosos foi o conflito linguístico, focado na não-aceitação do português do Brasil por parte dos colegas portugueses e, em alguns casos, de docentes, destacando uma barreira linguística e cultural inesperada. O desafio, segundo Binet-Montandon (2011, p. 1176), é que na dimensão relacional entre aquele que acolhe e o que é acolhido é necessário que se leve em consideração "o universo cultural do migrante e de seus códigos".

Foi destacado que, embora o idioma não fosse uma barreira significativa, a forma como os portugueses se comunicam em contextos académicos, com o uso de termos técnicos e sociais se mostrou diferente da forma na qual estas estudantes estavam habituadas, o que dificultou na integração nos primeiros meses e representou um obstáculo em acompanhar algumas aulas e, principalmente, em compreender totalmente os materiais académicos.

Tanto E1 quanto E3 relatam abertamente o conflito pela escrita no "português do Brasil".

"Eles não aceitam você escrever os textos em português do Brasil. Então você já se sente meio que diminuída... era como se fosse uma língua proibida." (E1) e "Tinha um professor que não queria dar nota no meu trabalho porque ele não aceitou que eu estava falando "português do Brasil" o que é extremamente ridículo." (E3)

Este tipo de interação, focado na "correção agressiva" (E3), cria um "clima muito hostil" (E3) e um sentimento de exclusão académica. Embora Portugal e Brasil partilhem o

idioma, as diferenças dialetais são usadas como ferramenta de exclusão, contradizendo o esperado efeito facilitador da língua e transformando a semelhança num obstáculo atitudinal. Este comportamento afeta diretamente o rendimento e a confiança dos estudantes.

Isso evidencia que, embora o idioma português seja o mesmo na comunicação cotidiana, o português académico e as diferenças culturais de expressão dentro de contextos formais apresentaram desafios específicos que dificultaram sua integração plena.

No entanto, para promover de fato a interculturalidade, como aponta Cursino (2020), há que se abrir espaço também para as diferentes línguas faladas por esses alunos, trazê-las para dentro da sala de aula, dar voz a esses estudantes em um espaço de aprendizagem mútua.

Outro ponto de atrito é a percepção de que a didática de ensino é "um pouco ultrapassada, muito 1990" (E3), apesar do acesso a "tecnologia absurda" (E3). Esta rigidez metodológica e a abordagem de "tome isso aqui e te vira com essa informação" (E3) colocam uma pressão adicional sobre o estudante estrangeiro, que espera uma abordagem mais interativa e inclusiva, conforme a sua formação prévia (E3).

6.3.4 O papel dos docentes

Outro ponto levantado foi a necessidade de maior sensibilidade por parte dos docentes. E3 sugeriu que "os professores deveriam passar por uma atualização ou treinamento para lidar melhor com os estudantes internacionais", destacando a necessidade de um ambiente mais acolhedor e inclusivo em sala de aula. Esse aspeto foi reforçado por outro participante que mencionou a importância de preparar, além dos professores, os próprios estudantes portugueses para receber e integrar colegas de outras nacionalidades, promovendo uma convivência mais harmônica e menos excludente.

Quanto a isso, Chintoan (2014, p. 15) diz que um aspeto fundamental que deve ser tomado em conta quando se fala da integração dos alunos estrangeiros é a formação dos professores. Formar professores para os desafios das sociedades diversificadas tornou-se uma das metas mais importantes para um ensino eficaz. Os professores e formadores desempenham um papel importante na motivação e no sucesso dos alunos, por isso a formação orientada para o futuro é agora essencial.

"Eu vi muito boa vontade dos professores para me ajudar a esclarecer ou informar o que eu não sabia. Os professores ficavam disponíveis, era só marcar um horário e eles ficavam online, disponíveis e acho que isso fez diferença na minha vida", esclarece E2.

Esse ponto reforça a ideia de que a proximidade com os professores é um ponto forte de integração académica no politécnico. E corroborando com esse fato, Alves (2013)

considera que os professores são os principais atores ligados à experiência académica e que podem ter um papel determinante no desempenho dos estudantes.

6.3.5 O sentimento de pertencimento e bem-estar

A solidão foi uma das dificuldades citadas (Figura 5). O isolamento, a distância da família e o stress levaram E1 e E3 a pensamentos de desistência.

"Eu realmente estava num momento bem frágil... longe da família, me sentindo sozinha. Eu não ter sentido um suporte, um acolhimento, sabe?" (E1) e "A gente já tinha chorado, já tínhamos ficado com raiva, já tínhamos pensado em voltar para casa." (E3) Esse contexto leva a um desgaste emocional que impacta a saúde mental, afetando tanto o bem-estar emocional quanto o desempenho académico.

Em contrapartida, os momentos de encontro e atividades de integração, mesmo que pontuais, foram cruciais. E1 destacou que as aulas presenciais (no formato b-learning) eram um "suspiro" e davam "um abraço", tornando o ambiente mais acolhedor após o stress online.

A rede de apoio e integração entre estudantes internacionais foi citada como um fator crucial para a adaptação, onde os mesmos acabam criando suas próprias redes de apoio, com laços de solidariedade que ajudam a enfrentar os desafios académicos e sociais. Este ponto reforça a ideia de que os estudantes internacionais tendem a buscar apoio entre si, devido à dificuldade de formar laços com estudantes locais. Essa rede de apoio entre os estudantes internacionais foi fundamental para se ter bem-estar, tanto emocional quanto académico.

Esse tipo de solidariedade permitiu o compartilhamento de experiências, superação de desafios e sentimento de se fazer parte de uma comunidade, mesmo que essa comunidade estivesse um pouco à margem da integração com os portugueses. Esta rede de apoio informal aparece novamente como uma estratégia de enfrentamento para lidar com as dificuldades de adaptação no ambiente académico e social.

De acordo com Berry (1997, p. 296), a integração bem-sucedida ocorre quando há um equilíbrio entre a preservação da identidade cultural do indivíduo e sua aceitação das normas culturais do ambiente de acolhimento.

Houve uma apreciação pelas atividades extracurriculares organizadas pelo Politécnico, como seminários, eventos culturais e workshops. Essas atividades, além de complementarem a experiência académica, também proporcionam oportunidades de interação com outros estudantes. No entanto, foi destacado que essas interações são mais frequentes entre estudantes internacionais e, em menor escala, com os alunos portugueses. Eventos como a Semana Ubuntu foram citados como positivos, mas sua efetividade para

promover um maior contato entre diferentes culturas ainda foi considerada limitada. E foi frisado pelas estudantes que muitos desses eventos acabam sendo pouco eficazes para criar laços entre os estudantes internacionais e os estudantes locais.

A criação de eventos e programas de integração mais inclusivos poderia ajudar a quebrar essas barreiras sociais, como sugerido por Berry (1997, p. 297) e Andrade (2006, p. 38).

Isso reforça a percepção de que, apesar dos esforços da instituição, a integração entre esses dois grupos continua limitada. A falta de atividades interculturais mais significativas foi vista como uma oportunidade perdida para promover uma melhor interação e compreensão mútua.

6.4 Triangulação dos dados e conclusão

Na triangulação dos dados quantitativos e qualitativos sobre a temática “Integração de estudantes internacionais no Politécnico de Santarém”, podemos identificar diversos elementos comuns que destacam tanto aspectos positivos quanto desafios enfrentados pelos estudantes internacionais. Ao mesmo tempo, também surgem pontos divergentes que revelam como a experiência de integração pode variar de acordo com a trajetória individual de cada aluno.

Barreiras burocráticas e uma certa falta de apoio institucional são fatores negativos e são os problemas mais frequentes no questionário, o que se confirma nos relatos de E1 e E3 que tiveram que lidar com burocracia excessiva e desamparo nos primeiros meses.

O conflito linguístico é um fator de exclusão direta. A questão da rejeição do português do Brasil (E1, E3) é um fator de exclusão interpessoal e, em alguns casos, acadêmica (penalização de notas), que mina a autoestima e a participação dos estudantes nos grupos de trabalho, contribuindo diretamente para o sentimento de isolamento e a percepção de discriminação. De acordo com Silva e Costa (2020, p. 127), a língua serve como uma ferramenta de emancipação, na medida em que incentiva o sujeito a renovar seus lugares de enunciação e, com isso, “movimentar padrões de sociabilidade por meio das inteligibilidades emergentes no processo de aprendizagem” da língua.

A instituição é elogiada e criticada em função da sua proatividade. Onde o apoio foi estruturado (E1-MAE, E2), a experiência foi excelente, pois o suporte oferecido pela instituição foi recebido como fator essencial para a integração. Esse acolhimento vai desde a facilitação na matrícula até o esclarecimento de dúvidas burocráticas, algo que se mostrou fundamental para uma boa adaptação. Onde o suporte foi ausente ou burocrático (E1-MRDE, E3), o estudante sentiu-se “perdido” e “ansioso”.

Receber bem os estudantes que chegam implica na “dívida da hospitalidade”, em

que algo do doador é ofertado ao receptor e algo do receptor é retribuído para o doador, criando vínculos e pondo em questão a identidade de ambos: “aquele que dá (a hospitalidade) recebe (o outro), e aquele que é recebido (no caso do outro) lhe dá de si mesmo. Dessa renúncia ao recolhimento identitário ‘egoísta’ nasce o sentimento de um comum pertencimento” (Perrot, 2011, p. 70).

Em relação à integração com outros estudantes internacionais, a socialização entre eles foi outro ponto em comum. Em alguns casos, a criação de laços com colegas imigrantes (brasileiros, cabo-verdianos, moçambicanos, etc.) ajudou a construir redes de apoio mútuo, facilitando tanto a convivência quanto a integração nos estudos. Atividades extracurriculares e residências universitárias foram espaços mencionados como importantes para esses laços.

Aqui percebe-se sobre o quão importante é o fato de um estudante sentir-se integrado ou não, pois esse ponto remete então para a ideia de desvinculação entre os diferentes membros da sociedade o que resulta na não participação num conjunto de benefícios de determinados indivíduos, opondo-se àquilo que é a integração social (Pereira, 2021, p. 32).

As sugestões de melhoria (Q24, E3) reforçam a necessidade de políticas institucionalizadas que visem o acolhimento formal, com uma recepção e orientação estruturadas à chegada, que abranjam a estrutura do campus e a burocracia documental e uma sensibilização cultural que consiste em preparar os estudantes portugueses e os docentes para lidar com a diversidade cultural e o conflito linguístico, promovendo uma cultura de inclusão.

Concluindo esse ponto, com o pensamento de Alves (2013, p. 37), “os estudantes internacionais estão sujeitos a muitas mudanças, as quais podem provocar diversos choques face à realidade no seu país de origem. Se as diferenças forem grandes, a adaptação e a integração poderá ser mais difícil.”

Em suma, a integração do estudante internacional no IPS é um processo multifacetado e altamente polarizado. Embora a missão académica seja cumprida e o ajustamento funcional seja alcançado pela maioria, as lacunas no suporte logístico proativo e as atitudes excludentes dos pares e, pontualmente, dos docentes, comprometem o bem-estar emocional e social, sendo a solidão e a ansiedade as principais consequências desta fragilidade de acolhimento.

Conclusão

A integração de estudantes internacionais no Politécnico de Santarém revela-se como um processo multifacetado e desafiante, exigindo atenção por parte da instituição tanto às necessidades académicas quanto às dimensões culturais, sociais e emocionais. Através da análise de dados quantitativos e qualitativos, foi possível compreender de forma mais profunda as experiências vividas por esses estudantes, bem como os fatores que favorecem ou dificultam o seu percurso de adaptação.

É importante salientar as limitações deste estudo. O objetivo inicial consistia em analisar a integração dos estudantes internacionais exclusivamente na Escola Superior de Educação do Politécnico de Santarém. No entanto, devido ao número reduzido de respostas obtidas neste universo específico, tornou-se necessário alargar a recolha de dados a estudantes internacionais de outras escolas do Politécnico. Esta decisão permitiu enriquecer a análise e alcançar um número mais representativo de participantes, mas, em simultâneo, afastou parcialmente o estudo do seu foco inicial, condicionando a profundidade da compreensão sobre a realidade específica da Escola de Educação.

A utilização de uma metodologia mista mostrou-se eficaz para captar a complexidade do fenómeno. Enquanto os questionários ofereceram uma visão ampla e mensurável da satisfação geral dos estudantes com os serviços institucionais e com a sua adaptação na comunidade académica, as entrevistas revelaram as suas emoções, perceções e expectativas. A combinação destes métodos permitiu alcançar uma compreensão mais rica e contextualizada da realidade dos estudantes internacionais.

O questionário e as entrevistas realizadas oferecem uma visão rica e detalhada do objeto de estudo, confirmando muitas das ideias apresentadas pelos autores que estudam a adaptação e a aculturação no contexto do ensino superior. A análise das falas das entrevistadas revela que a integração não é um processo simples e linear, mas sim um percurso complexo que envolve desafios culturais, sociais e emocionais.

A análise das três entrevistas destacou aspetos positivos, negativos e áreas de melhoria na integração de estudantes internacionais no Politécnico de Santarém. Entre os pontos positivos, ressaltam-se o forte apoio institucional oferecido, a acessibilidade dos professores e a promoção de atividades extracurriculares que favorecem a interação e o acolhimento. Esses elementos são importantes significativamente para uma educação académica bem-sucedida. Se os estudantes recebem apoio institucional — seja na forma de programas linguísticos, acolhimento psicológico ou eventos de integração — apresentam maior resiliência e uma perceção mais positiva da sua experiência educativa.

Por outro lado, os aspetos negativos incluem desafios relacionados às barreiras culturais e linguísticas, que dificultam a socialização dos estudantes locais. Essa falta de interação resulta, em alguns casos, em sentimentos de isolamento e frustração, obrigando muitos estudantes internacionais a buscar apoio exclusivamente em redes entre seus pares. Esses fatores podem comprometer o bem-estar emocional dos estudantes, afetando, conseqüentemente, o seu rendimento académico.

Como possíveis melhorias, a instituição pode adotar estratégias mais robustas de incentivo ao engajamento intercultural, como programas de mentoria entre estudantes locais e estrangeiros, atividades externas à integração social e iniciativas que promovam o diálogo intercultural. Tais ações poderiam fortalecer os laços sociais, melhorar as barreiras percebidas e garantir uma experiência de integração mais equilibrada e inclusiva.

Embora o Politécnico de Santarém ofereça uma estrutura educacional diversificada e atraente para estudantes internacionais, ainda há uma reflexão a ser feita em termos de integração e suporte. As expectativas dos estudantes ao imigrar para Portugal, em sua maioria, são altas, e muitas vezes não correspondem à realidade enfrentada no país, seja pela falta de apoio institucional, seja pelas barreiras sociais e culturais encontradas no ambiente académico.

As sugestões apresentadas pelos participantes são valiosas para a instituição, que, ao implementá-las, pode tornar o processo de integração mais eficiente e acolhedor. A criação de programas de acolhimento, a preparação dos docentes e estudantes locais para receberem os estrangeiros, e um maior investimento em suporte financeiro e social, podem transformar a experiência desses alunos, promovendo uma convivência mais inclusiva e enriquecedora para todos.

É, portanto, imprescindível que o Politécnico de Santarém continue a desenvolver e aprimorar políticas de apoio à integração dos estudantes internacionais. Para além da dimensão académica, é essencial promover ações que incentivem a convivência intercultural, o acolhimento humanizado e a construção de uma comunidade educativa que valorize a diversidade. A criação de espaços seguros para o diálogo, de redes de apoio entre pares e de iniciativas que envolvam docentes e técnicos administrativos poderá contribuir significativamente para o fortalecimento do sentimento de pertença entre os estudantes internacionais.

A longo prazo, o investimento na integração desses estudantes não beneficia apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas fortalece a própria instituição, tornando-a mais inclusiva, diversa e preparada para os desafios da internacionalização do ensino superior.

Como defende Andrade (2006, p. 38), um ambiente académico verdadeiramente acolhedor é essencial para garantir uma experiência educacional completa e gratificante para todos os estudantes, independentemente da sua origem.

Este estudo abre espaço para futuras investigações que possam explorar de forma mais aprofundada alguns aspetos ainda pouco desenvolvidos, como o impacto das diferenças metodológicas de ensino na adaptação académica, as consequências da instabilidade habitacional e financeira na permanência dos estudantes internacionais, bem como a eficácia de programas de mentoria e acolhimento já implementados em instituições portuguesas. Também seria relevante investigar comparativamente a experiência de integração em diferentes contextos regionais e institucionais, analisando de que forma as práticas de suporte e as políticas de internacionalização influenciam a qualidade da experiência dos estudantes.

Assim, conclui-se que promover a integração plena dos estudantes internacionais não é apenas um desafio institucional, mas um compromisso ético e académico com a construção de um ensino superior verdadeiramente global e inclusivo.

Referências Bibliográficas

- Almeida, A. C. (2021). A Organização Internacional para as Migrações e os desafios migratórios no século XXI. Mestrado em Direito Internacional e Relações Internacionais. Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/49787>.
- Almeida, V. (2018). História da educação e método de aprendizagem em ensino de história – Palmas/TO: EDUFT.
- Alves, E. P. (2013). Estudantes internacionais no ensino superior português: motivações, expectativas, acolhimento e desempenho: o caso dos estudantes angolanos, brasileiros e cabo-verdianos no ISCTE-IUL [Dissertação de mestrado, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/7369>.
- Andrade, M. S. (2006). Estudantes internacionais em universidades de língua inglesa: fatores de ajuste. *Journal of Research in International Education*, 5, 131-154. <https://doi.org/10.1177/1475240906065589>.
- Araújo, C. H. B.; Silva, V. N. & Durães, S. J. (2018) Processo de Bolonha e mudanças curriculares na educação superior: para que competências? *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, p. e174148.
- Arena, M. C. P. (2023). Organizações políticas internacionais: os desafios da cooperação internacional. Breve estudo sobre dez organizações internacionais. Coleção Educação | Ciências Sociais.
- Astin, A. W. (1993). O que importa na faculdade? Quatro anos críticos revisitados. San Francisco: Jossey-Bass. V.1.
- Bastos, J. E. de S., Sousa, J. M. de J., Silva, P. M. N. da, & Aquino, R. L. de. (2023). O Uso do Questionário como Ferramenta Metodológica: potencialidades e desafios. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 5(3), 623–636. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n3p623-636>.
- Berry, J. W. (1997). Imigração, aculturação e adaptação. *Psicologia Aplicada*, 46(1), 5-34.
- Binet-Montadon, C. (2011). Acolhida: Uma construção do vínculo social. In: Montadón (Org.). O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. (pp. 1171-1183). Editora Senac.
- Branco, I. (2012). A importância da língua de acolhimento na integração de imigrantes nepaleses em Portugal. Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/9923>.
- Branco, J. H. (2021) Da integração de saberes... para a integração social... in Ferreira, N. M. & Nunes, C. (Eds.) *Diversidades, educação e inclusão*. (pp. 313-331) Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa. <https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.10>.
- Brigeiro, A. L. (2006). Imigração em Portugal: desafios de integração e cidadania numa sociedade multicultural. Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/3346>.
- Carvalho, T. R. S. (2023). Deslocando a fronteira O falar brasileiro e a re/produção da diferença colonial. Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/112058>.
- Cardeira, L., Cabrito, B., Patrocínio, T., Machado, ML, Brites, R., Curado, AP,. .Doutor, C. (2018). Custo dos estudantes do ensino superior português – Relatório CESTES 2: Para a compreensão da condição social e económica dos estudantes do ensino superior. Lisboa: Educa. <http://hdl.handle.net/10451/34377>.
- Chintoan, B. (2014). Integração Escolar e Discriminação de Alunos Estrangeiros em Portugal e na Roménia, no Ensino Universitário. Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/10362/13282>.
- Convey, J. A. E Kupiszewski, M. (1996), *Migration and Policy in the EU, Population Migration in the EU*. Em: Philip Rees e outros, Ed. John Wiley Sons, pp. 311-331.
- Creswell, J. W. (2012). *Educational research: Planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research* (4th ed.). Boston, MA: Pearson.
- Cunha, S. C. (2011). A Satisfação dos Estudantes ERASMUS em Lisboa. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no curso de Mestrado em Psicologia do Trabalho em Contextos Internacionais e Interculturais conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. <http://hdl.handle.net/10437/1693>.

Cursino, C. A. Formação de professores numa perspectiva plurilíngue para o acolhimento linguístico de estudantes migrantes/refugiados. *Calidoscópio*, v. 18, n. 2, p. 415-434, 2020.

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. (2024). <http://www.dgeec.mec.pt>

Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros 1ª*. Ed. Boitempo.

Ellingboe, B. J. (1998). Divisional strategies to internationalize a campus portrait: Results, Resistance, and recommendations from a case study at a US university. *Reforming the higher Education curriculum: Internationalizing the campus*, 198-228.

Einleitung und Überblick. [O que é pesquisa qualitativa? Uma introdução.]. Em U. Flick, E. von Kardorff & I. Steinke, (Orgs.), *Qualitative Forschung: Ein Handbuch [Pesquisa qualitativa – um manual]* (pp. 13-29). Reinbek: Rowohlt.

Ferreira, S. de A.; Callou, Manuela R. D. A. O processo de construção de Lisboa no imaginário dos imigrantes brasileiros: Fatores explicativos. *Revista Rural & Urbano*, v. 1, n. 1, p. 11-18, 2016.

Ferro, M. J. S. A. R. (2010). *Teoria crítica e aconselhamento : para uma intervenção multicultural com os estudantes da cooperação na Universidade de Coimbra*. Tese de doutoramento. <http://hdl.handle.net/10316/14536>.

Figueiredo, M. M. (2005). *Estudantes dos PALOP da Universidade de Évora: do levantamento das dificuldades e necessidades à procura de soluções*. Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/15631>.

Flores, M. A. (2017) *Contributos para (re)pensar a formação de professores*, in CNE (Ed.) *Lei de Bases do Sistema Educativo. Balanço e Prospetiva, Volume II* (pp. 773-810), Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Fonseca, M. L.; Esteves, A. & Iorio, J. C. (2015). *Mobilidade internacional de estudantes do ensino superior: os alunos universitários brasileiros em Portugal*. In: *Vagas Atlânticas – Migrações entre Brasil e Portugal no início do Século XXI*. Lisboa: *Mundos Sociais*, p. 135-158.

Fraser, M. T. D; Gondim, S.M.G (2004). *Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa*. *Paidéia (Ribeirão Preto)* 14 (28), 139-152. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>.

Freire, M. (2023). *Quase 400 mil brasileiros vivem em Portugal – e o número segue crescendo*. Eurodicas. <https://www.eurodicas.com.br/400-mil-brasileiros-em-portugal/>.

Gaivão, L. M. (2010). *CPLP : a cultura como principal factor de coesão*. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona. <http://hdl.handle.net/10437/4130>.

Góis, P.; Marques, J. C. (2014). *Processos de admissão e de integração de imigrantes altamente qualificados em Portugal e a sua relação com a migração circular*. Editora ACIDI, Lisboa. <https://hdl.handle.net/10316/41511>.

Gonçalves, A. (2004). *Métodos e técnicas de investigação social I: Programa, conteúdo e métodos de ensino teórico e prático*. Universidade do Minho. <https://tendimag.files.wordpress.com/2012/09/mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-investigac3a7c3a3o-social-i.pdf>.

Guimarães, F. F. & Finardi, K. R. (2018). *Interculturalidade, internacionalização e intercompreensão: qual a relação?*. *Ilha do Desterro*, v. 71, n. 3, p. 15-37. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2018v71n3p15>.

Hofstede, G. (1997). *Culturas e Organizações: compreender a nossa programação Mental*. Lisboa: Edições Sílabo.

Imaginário, S., Cristo, E., Jesus, S. N., & Morais, F. (2014). *Educação para o empreendedorismo em Portugal: O nascimento do Programa Empreender na Escola*. *AMAzônica*, 12 (2), 343-362.

IPAD (2010), *Cooperação Portuguesa. Uma leitura dos últimos quinze e anos de cooperação para o desenvolvimento 1996-2010*. IPAD, MNE.

Kalvemark, T. & Van Der Wende, M. (1997). *National Policies for the Internationalisation of Higher Education in Europe*. *Hogskoleverket Studies*.

Knight, J. (2003). *Updated definition of internationalization*. *International higher education*, (33), 2-3.

Knight, J. (2007). *Crossborder Tertiary Education: Na Introduction*. In *Crossborder Tertiary Education: A way Towards Capacity Development* (pp. 21-46). Paris, France: OECD, World Bank and NUFFIC.

Knight, J. (2020). Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios. 2. Ed.; e-book / Jane Knight – São Leopoldo: Oikos.

Laisner, R. (2019). (Des) caminhos da democracia na internacionalização da Educação Superior no Brasil. X Congresso Latinoamericano de Ciencia Política (ALACIP, Monterrey. P. 1–9. <https://alacip.org/cong19/189-Laisner-19.pdf>

Lucas, M. C. A. (2020). Uma abordagem multicultural no 1.º CEB para a educação intercultural. Instituto Politécnico de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10400.26/34539>.

Lyrio, B. ; Lânes, P. (2022). Campo de possibilidades e projeto: motivos que levaram estudantes brasileiros a Portugal. Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/24669>.

Maia, A. S. (2022). A formação experiencial de estudantes brasileiros no ensino superior português. Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/56720>.

Maranhão, C. M. & Lima, M. C. (2009). O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 3, p. 583-610.

Mármora, L. (2002) – Las Políticas de Migraciones Internacionales, Buenos Aires, Paidós.

Monteiro, R. M. A. (2018). Motivos dos estudantes internacionais para realizar mobilidade de estudos de curta duração na U. Porto. Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

Morais, M. R. & Morgado, J. C. (2016). Currículo, Educação e Cooperação entre Portugal e Timor-Leste: dissonâncias entre intenções e práticas. In Cristina Gomes, Maria Figueiredo, Henrique Ramalho & João Rocha (Coord.), Fronteiras, Diálogos e Transições em Educação. Atas do XIII Congresso da SPCE (pp. 638-645). Viseu: ISPV-ESEV. <https://hdl.handle.net/1822/46828>.

Mourato, I. (2011). A política de cooperação portuguesa com os PALOP: contributos do ensino superior politécnico. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Portalegre. <http://hdl.handle.net/10400.26/1443>.

Nadã, I. C. (2012). Os estudantes estrangeiros na Universidade do Porto: escolhas, vivências e aprendizagens num espaço Europeu. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/67980>.

Nunes, C. T. F. M (2013). Os primórdios da educação superior no Brasil (1808-1931): um projeto de pesquisa. VII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade" – Eixo 6 – Ensino superior no Brasil. <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/10340>.

OCDE (2013), Education at a Glance 2013.

Pedreira, I. C. V. (2013). Estudantes da CPLP no ensino superior em Portugal: tendências de evolução e perfis sociais. Lisboa: ISCTE. Dissertação de mestrado. <http://hdl.handle.net/10071/6399>.

Pereira, A. R. N. (2021). A inclusão das populações migrantes em contexto escolar: análise da experiência de estágio curricular numa divisão autárquica de educação. [Relatório de estágio, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/134775>

Perrot, D. Dádiva. Hospitalidade e reciprocidade. In: Montadon, Alain (dir.). O Livro da Hospitalidade Acolhida do Estrangeiro na História e nas Culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 63-72.

Pessoni, R. B. & Pessoni, A. (2021). Internacionalização do ensino superior e a mobilidade acadêmica. Educação, 46(1), e87/ 1–32. <https://doi.org/10.5902/1984644443070>.

Pinho, F. (2014). Transformações na emigração brasileira para Portugal : de profissionais a trabalhadores. – 1ª ed. – (Teses ; 44).

Pires, R. P. (2012). O problema da integração. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIV, pág. 55-87.

Rajput, Covinha. (2012). A aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento: a comunidade Punjabi em Portugal. Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/8802>.

Rendas, A. (2013). A internacionalização do ensino superior: a perspetiva das universidades públicas. Lisboa.

Rodrigues, C. T. (2022). Internacionalização do ensino superior – Uma comparação entre instituições públicas e

Privadas. [Master's Thesis. Universidade do Porto.] <https://hdl.handle.net/10216/144302>.

- Rodrigues, L. (2014). Currículo: entre a inclusão e a integração. Universidade de Santiago. <http://hdl.handle.net/10400.13/4116>.
- Sawir, E. (2005). Language difficulties of international students in Australia: The effects of Prior learning experience. *International Education Journal*, 6(5), 567-580. <https://eric.ed.gov/?id=EJ855010>.
- Sayad, A. (1998). *A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- SEF. (2022). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*.
- Silva, F. C; Costa, E. J. O ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAC) na linha do tempo dos estudos sobre o Português como Língua Estrangeira (PLE) no Brasil. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 19, n. 1, p. 125- 143, 2020.
- Simão, J., Santos, S. & Costa, A. (2003). *Ensino superior: Uma visão para a próxima década*. 2ª Edição. Edições Gradiva. Lisboa.
- Simões, M. L. (2013). O surgimento das universidades no mundo e sua importância para contexto da formação docente. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.22, n.2, p. 136-152.
- Spears, E. (2014). O valor de um intercâmbio: mobilidade estudantil brasileira bilateralismo e internacionalização da educação. *Revista Eletrônica de Educação*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 151–163. <https://doi.org/10.14244/198271991026>.
- Tatagiba, A. B. (2012). Creswell, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*; tradução Magda Lopes. “3 ed.” Porto Alegre. ARTMED, 296 páginas, 2010. *Cadernos De Linguagem E Sociedade*, 13(1), 205– 208. <https://doi.org/10.26512/les.v13i1.11610>.
- Uebel, R. (2015). *Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://hdl.handle.net/10183/117357>.
- Valente, S. M. M. (2008). *Tutoria intercultural num clube de portugueses*. [Master's Thesis. Universidade de Lisboa.] <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/717>
- Van Damme, D. (2001). Quality issues in the internationalisation of higher education. *Higher Education*, 41(4), 415-441.
- Ward, C., Bochner, S., & Furnham, A. (2001). *A psicologia do choque cultural*. Routledge.
- Zembrzusi, L.J.P.; Santos, C.M.R.C. & Nihei, O.K. (2021). Adaptação de Estudantes Universitários Estrangeiros no Brasil: Revisão de Escopo. *Pleiade*, 15(33): 20-34, Jul.-Dez., 2021. DOI: 10.32915/pleiade. V15i33.697.

Legislação:

Decreto-Lei n.º 264-C/81, de 3 de setembro de 1981. Publicação: Diário da República n.º 202/1981, 1º Suplemento, Série I de 1981-09-03, páginas 11 – 24. Ministério da Administração Interna. URL: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/264-c-517228>.

Decreto-Lei n.º 244/98, de 8 de agosto. Publicação: Diário da República n.º 182/1998, Série I-A de 1998-08-08. Ministério da Administração Interna. URL: <https://diariodarepublica.pt/dr/analise-juridica/decreto-lei/244-1998-434982>.

Decreto-Lei n.º 59/93, de 3 de março. Publicação: Diário da República n.º 52/1993, Série I-A de 1993-03-03, páginas 929 – 943. Ministério da Administração Interna. URL: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/59-1993-626471>.

Decreto-Lei n.º 34/2003, de 25 de fevereiro. Publicação: Diário da República n.º 47/2003, Série I-A de 2003-02-25, páginas 1338 – 1375. Ministério da Administração Interna. URL: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/34-2003-188557>.

Decreto-Lei n.º 36/2014, de 10 de março. Publicação: Diário da República n.º 48/2014, Série I de 2014-03-10, páginas 1818 – 1821. Ministério da Educação e Ciência. URL: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/36-2014-572431>.

Lei n.º 23/2007, de 4 de julho. Publicação: Diário da República n.º 127/2007, Série I de 2007-07-04, páginas 4290 – 4330. Assembleia da República. URL: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/23-2007-635814>.

Lei n.º 18/2022, de 25 de agosto. Publicação: Diário da República n.º 164/2022, Série I de 2022-08-25, páginas 2 – 137. Assembleia da República. URL: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/18-2022-200268064>.

Anexos

Carta de apresentação

Caros estudantes,

Sou estudante do Mestrado em Administração Educacional/Ciências da Educação da Escola Superior de Educação do IPSantarém.

Pretendemos, com o presente questionário, refletir e analisar o processo de integração dos estudantes internacionais na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

Nesse sentido, gostaria de solicitar a sua colaboração no preenchimento deste questionário, cujas respostas permitirão obter um panorama mais realista sobre eventuais necessidades e especificidades, que os estudantes internacionais da Escola Superior de Educação de Santarém, manifestam.

Informamos ainda que os dados obtidos serão tratados de forma a garantir o seu anonimato.

Grata pela atenção,

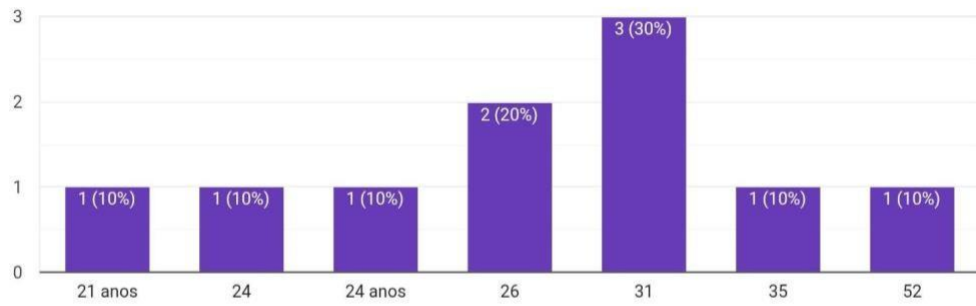
Cristiane Leal Correia Rodrigues

QUESTIONÁRIO

1. Idade:

[Copiar gráfico](#)

10 respostas



2. Sexo:

[Copiar gráfico](#)

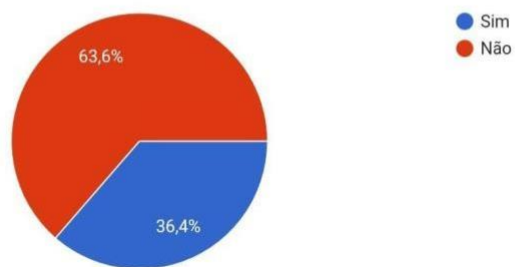
0 / 10 respostas corretas



3. É trabalhador estudante

[Copiar gráfico](#)

11 respostas



3.1 Se marcou Sim na questão anterior, que tipo de trabalho exerce além de ser aluno do politécnico

5 respostas

Servidora Pública Federal no Brasil

Informatico

Estudante

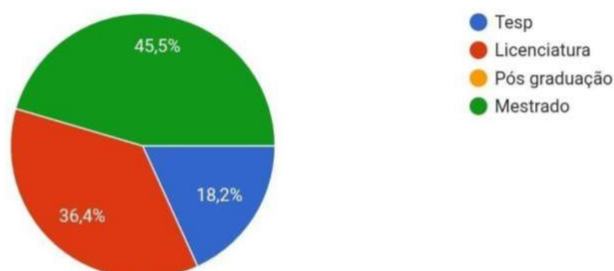
Mentora de AECs e restauração

Trabalho com AECs, atividades extras curriculares nas escolas públicas. e nas férias escolares, trabalho em outras coisas na cidade.

4. Qual ciclo é frequentado no IPSantarém?

 Copiar gráfico

11 respostas



5. Qual curso frequenta?

11 respostas

Terminei o MAE e estou cursando o MRDE

PME

Produção Multimídia em Educação

Enfermagem

Técnico superior de Apoio Domiciliário

Cuidados veterinários

Gestão das organizações desportivas

Mestrado em tecnologia alimentar

Mestrado em recursos digitais em educação

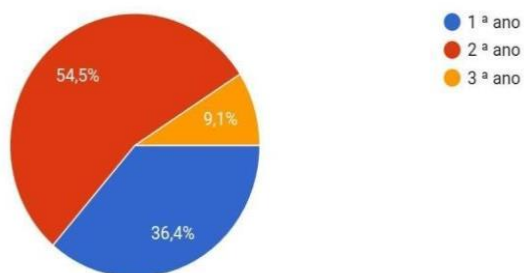
recursos digitais em educação

MESIC

6. Qual ano do respectivo ciclo citado acima frequenta?

 Copiar gráfico

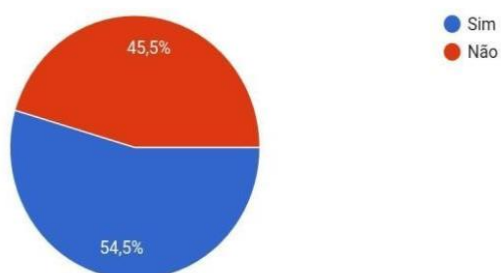
11 respostas



7. Reside em Santarém?

 Copiar gráfico

11 respostas



10. Motivação de estudar em Portugal:

 Copiar gráfico

11 respostas



▲ 1/2 ▼

11. Que expectativas tinha ao escolher Portugal para imigrar ?

11 respostas

As melhores possíveis: qualidade de vida, segurança e tranquilidade.

Estava dividido por sei que são muito amável, porém existe ainda elevado número de racismo.

Boas expectativas

nenhuma

Para estudantes e ser grande enfermeiro como sonho

Melhoria na qualidade de vida

Organizar a vida.

Adquirir conhecimento

Adquirir conhecimento

Facilidade de adaptação cultural

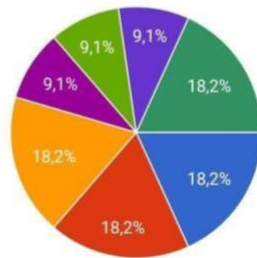
acreditei que seria mais tranquilo, nao tendo a barreira do idioma.

As melhores possíveis, seja a nível de adaptação, estudos, emprego, moradia e integração social.

12. Que dificuldades sente enquanto estudante de uma Instituição Educativa Superior em Portugal:

 Copiar gráfico

11 respostas



- Dificuldades em conseguir trabalho em...
- Dificuldades relacionadas com o eleva...
- Solidão e sentimento de isolamento
- Sente-se alvo de discriminação
- Dificuldades de adaptação ao clima
- Dificuldades de acesso aos serviços d...
- Acesso a transporte para o Instituto
- Obtenção de documentos

▲ 1/3 ▼

13. Que outras dificuldades sente ou sentiu, desde que estuda nessa instituição em Portugal?

8 respostas

Não há integração do estudante internacional e os colegas portugueses não deixam que os trabalhos em grupo seja escrito no idioma português do Brasil.

Talvez descriminação

Dificuldades em compreensão da aula

Dificuldades de alojamento

Dificuldade no reconhecimento académico de grau, dificuldade de adaptação ao clima, diferença de metodologia e avaliação

Ser aceito pelos colegas

os professores fazem diferenciacao entre os alunos e nao falo de forma positiva

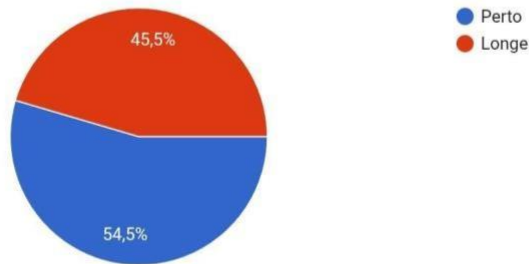
Em Santarém fui bem recebida, tive boas orientações, os profissionais da instituição sempre hem dispostos e acessíveis. Tive a nésima experiência anterior em uma instituição no

Em Santarém fui bem recebida, tive boas orientações, os profissionais da instituição sempre bem dispostos e acessíveis. Tive a péssima experiência anterior em uma instituição no Porto que me causou o adoecimento mental, físico e exclusão social

14. Considera que reside longe ou perto da instituição?

 Copiar gráfico

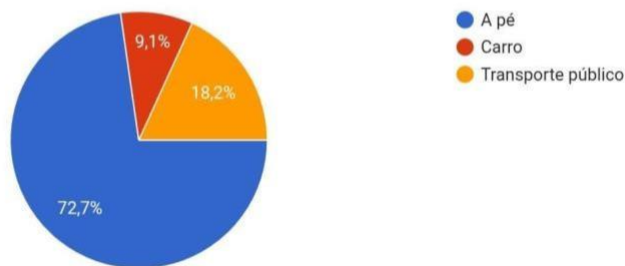
11 respostas



15. Como se desloca até a instituição?

 Copiar gráfico

11 respostas



16. Quanto tempo usualmente demora para chegar a instituição?

 Copiar gráfico

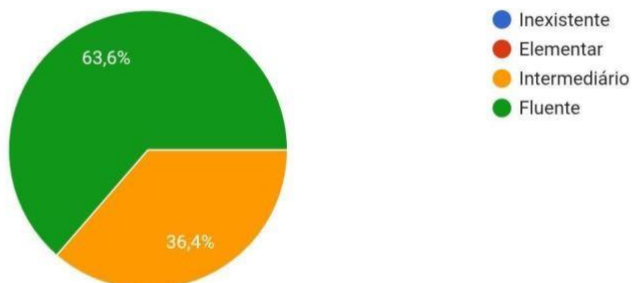
11 respostas



17. Qual seu nível de fluência/domínio da língua portuguesa?

 Copiar gráfico

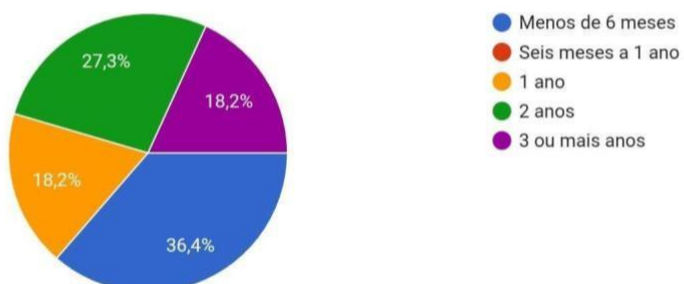
11 respostas



18. Há quanto tempo chegou/reside em Portugal?

 Copiar gráfico

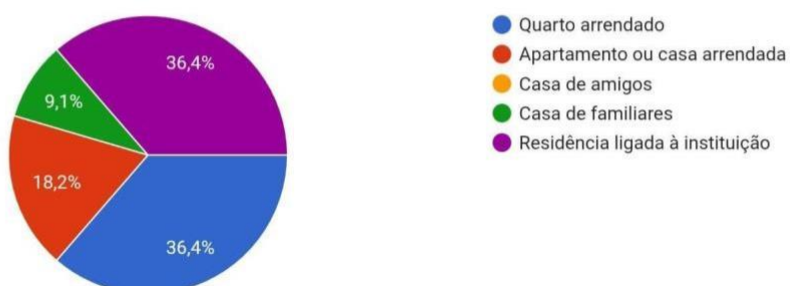
11 respostas



19. Qual o tipo de alojamento no qual reside?

 Copiar gráfico

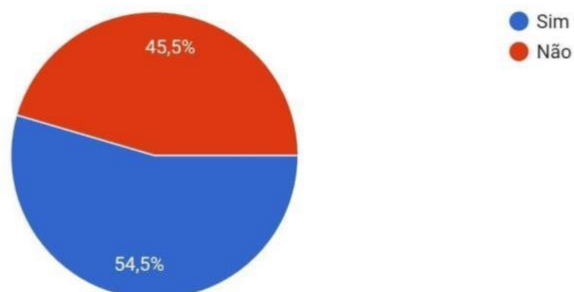
11 respostas



20. Faz parte de algum grupo social (amigos e conhecidos)?

 Copiar gráfico

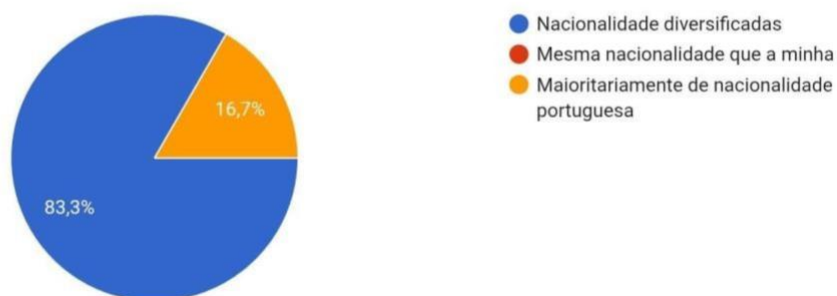
11 respostas



21. Se marcou SIM a resposta anterior, que nacionalidade maioritariamente são as pessoas desse grupo?

 Copiar gráfico

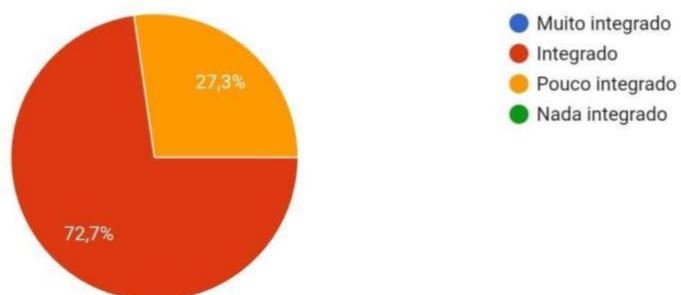
6 respostas



22. Como considera o seu nível de integração:

 Copiar gráfico

11 respostas



23. Que tipo de apoio/recursos esperava ter por parte do Instituto e que não encontra disponíveis?

9 respostas

Apoio / orientação da coordenadora do curso

Apoio humanitário

Falta de apoio em obter informações da própria instituição

Bolsa de colaboração

Propinas, alojamento e alimentação

Ajuda com pagamento de alojamento

Grupos , eventos

esperava ter mais facilidades como alojamento por exemplo. poderia haver encontros de alunos.

Foi me oferecido todos.

24. Que sugestões nos pode deixar, para o IPSantarém melhorar o processo de integração dos seus estudantes estrangeiros?

9 respostas

As vezes, a integração ocorre normalmente, mas em alguns casos é necessária uma preparação dos estudantes portugueses para receber estudantes de outros países.

Procurem sempre fazer o melhor pra as pessoas sem ver se são estrangeiros ou não. Sen já dizia: Justiça começa quando nos afastamos das injustiças.

Docentes serem mais atenciosos no que toca a inclusão no que toca a trabalhos para avaliação académica

Fazer um acolhimento após a chegada dos estudantes ,saber sobre estudantes as dificuldades do mesmo e arranjar solução para que o mesmo não atravessam grande dificuldade.

Mais apoio aos alunos estrangeiros

Ajudar sem cansar os que querem estudar.

Responder aos e-mails, estar mais aberto aos estudantes internacionais e estabelecer vaqas

23. Que tipo de apoio/recursos esperava ter por parte do Instituto e que não encontra disponíveis?

9 respostas

Apoio / orientação da coordenadora do curso

Apoio humanitário

Falta de apoio em obter informações da própria instituição

Bolsa de colaboração

Propinas, alojamento e alimentação

Ajuda com pagamento de alojamento

Grupos , eventos

esperava ter mais facilidades como alojamento por exemplo. poderia haver encontros de alunos.

Foi me oferecido todos.

24. Que sugestões nos pode deixar, para o IPSantarém melhorar o processo de integração dos seus estudantes estrangeiros?

9 respostas

Docentes serem mais atenciosos no que toca a inclusão no que toca a trabalhos para avaliação académica

Fazer um acolhimento após a chegada dos estudantes ,saber sobre estudantes as dificuldades do mesmo e arranjar solução para que o mesmo não atravessam grande dificuldade.

Mais apoio aos alunos estrangeiros

Ajudar sem cansar os que querem estudar.

Responder aos e-mails, estar mais aberto aos estudantes internacionais e estabelecer vagas exclusivas para eles

que os professores passem por uma especie de atualizacao e melhoria no tratamento com alunos estrangeiros. eles nao sao acessiveis e tratam de forma fria e distante.

Acho que todas as ações são válidas e a própria instituição busca pela melhoria contínua.

Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada: Integração dos Estudantes Internacionais no Politécnico de Santarém

Agradecemos por participar desta entrevista. Estamos realizando uma pesquisa sobre a integração dos estudantes internacionais no Politécnico de Santarém. As suas respostas serão muito valiosas para entendermos melhor essa experiência.

• Enquadramento

Objetivos:

- Obter uma compreensão detalhada do perfil dos estudantes internacionais
- Analisar como esses fatores podem influenciar a experiência de integração

Poderia nos contar um pouco sobre você? De onde você é e qual curso está frequentando no Politécnico de Santarém?

O que motivou a sua escolha pelo Politécnico de Santarém para realizar os seus estudos?

• Integração

Objetivos:

- Obter informações sobre as primeiras impressões e o processo de orientação e acolhimento recebido pelos estudantes internacionais ao chegarem na instituição
- Examinar como os estudantes internacionais se adaptam às aulas, ao sistema de ensino e à relação com os professores
- Avaliar a interação social dos estudantes internacionais com colegas, a participação em atividades extracurriculares e os desafios de convivência
- Analisar a eficácia dos serviços de apoio ao estudante internacional e a comunicação com a administração da instituição
- Entender como os estudantes lidam com as diferenças culturais e se sentem parte da comunidade académica

Quais foram as suas primeiras impressões ao chegar no Politécnico de Santarém?

Você recebeu algum tipo de orientação ou apoio inicial quando chegou? Como foi essa experiência?

Como foi a sua adaptação às aulas e ao sistema de ensino do Politécnico?

Como tem sido a sua relação com os professores? Eles são acessíveis e prestativos?

Como tem sido a sua relação com os colegas de classe e outros estudantes?

Você participa de atividades extracurriculares ou eventos organizados pela instituição? Se sim, como tem sido essa experiência?

Quais desafios você tem enfrentado na convivência com outros estudantes, tanto locais quanto estrangeiros?

Você já utilizou algum serviço de apoio ao estudante estrangeiro oferecido pelo Politécnico? Se sim, como foi essa experiência?

Como tem sido a sua comunicação com a administração da instituição? Eles têm sido receptivos às suas necessidades?

Quais diferenças culturais você encontrou e como tem lidado com elas?

Você se sente parte da comunidade acadêmica do Politécnico de Santarém? Por quê?

- Considerações Finais

Objetivos:

- Reunir sugestões dos estudantes internacionais para melhorar a integração e a experiência no Politécnico de Santarém.

- Registrar experiências e percepções gerais dos estudantes internacionais, contribuindo para a elaboração de políticas e estratégias mais eficazes de integração.

Que sugestões você daria para melhorar a integração dos estudantes internacionais no Politécnico de Santarém?

Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre a sua experiência como estudante internacional no Politécnico de Santarém?

Agradecemos muito pela sua participação e pelas suas respostas. Elas serão muito úteis para a nossa pesquisa.

Entrevista 1

C: Boa tarde, estamos aqui começando a entrevista semiestruturada. Por favor, poderia contar um pouquinho sobre você? De onde é que você é? E qual é o curso que você está frequentando atualmente no Politécnico de Santarém?

E1: Olá, Cristiane. Eu me chamo X. Eu tenho 53 anos. Eu sou de Minas Gerais, do estado de Minas Gerais, mas morei em Brasília há mais de 40 anos. Eu sou servidora pública do Instituto Federal de Brasília. Eu já fiz o mestrado em Administração Educacional, esse que você está fazendo. E, atualmente, eu estou fazendo o mestrado em Recursos Digitais e Educação.

C: Portugal tem muitas faculdades, muitas universidades, até bem conhecidas, famosas pelo mundo afora. Por que o Politécnico de Santarém? O que levou a motivação nessa escolha específica?

E1: O Politécnico foi a oportunidade que nós tivemos, enquanto servidores do Instituto, de participar de um edital de seleção, com a qual eu me inscrevi e fui selecionada. Fiz o primeiro mestrado, era em Administração Educacional, que é um pouquinho mais amplo do que da minha atuação. Eu atuo dentro da diretoria de Educação à Distância, que é o meu instituto. E, aí, eu vislumbrei de fazer algo mais específico na área em que eu atuo, que é Educação à Distância. E o mestrado em Recursos Digitais e Educação veio muito a calhar.

C: Ah, percebo, percebo. Então, assim, não foi uma questão de localização, foi mais essa questão de ser justamente uma área que era o que você buscava?

E1: Também. A localidade Santarém, eu gosto muito da cidade, né? Eu conheci a primeira vez, gostei bastante, fiz amigos, tanto brasileiros como portugueses, e esse também foi um dos motivos, né? Como o primeiro mestrado, ele era condicionado, né? Vim com a ajuda financeira da instituição. Mas esse segundo, eu vim por conta própria, foi por recurso meu, não foi por recurso da instituição, eu não fiquei em um alojamento do Politécnico como da primeira vez. Eu quis ter essa experiência de estar só em Santarém, de estar em Portugal, para ver se eu gostava de me movimentar sozinha, sabe? Ver como é que era essa experiência.

C: Ah, percebo. E quando chegou aqui vindo lá para esse primeiro contato... Quais foram as primeiras impressões? No geral, tanto em relação à cidade, à instituição, às aulas, ao curso, o que é que vem primeiro assim na cabeça em relação às primeiras impressões?

E1: Ah, foram as melhores possíveis, tá? Apesar de logo depois ter deflagrado aí uma pandemia, né? E a gente praticamente ter sido expulso de volta para o Brasil, mas a impressão foi uma das melhores, porque era tudo muito organizado, era algo que era específico dos estudantes brasileiros, né? Desses 16 estudantes que estavam vindo do Brasil. Então, a gente foi super bem recebido, tanto pela instituição, pelos servidores, pelos funcionários do politécnico. Já tinha alojamento. Estava tudo muito fácil, a gente não precisou tirar visto, porque os alunos iam ficar aqui dois meses, depois retornavam mais outras duas vezes. A gente não ficaria direto em Portugal. Então, a impressão foi uma das melhores.

C: Você comentou sobre essa vinda de mais de 10 alunos, né? 16, não foi isso? Esses 16 eram da mesma área? Todos da mesma área? Foram para o mesmo curso?

E1: Não, não era da mesma área, não. Nós somos servidores do IFB, mas tinham professores e tinham técnicos administrativos. Cada um com sua área específica. Tinha a galera da administração, a galera da contabilidade, a galera da biblioteca. Era bem variado.

C: Ah, tá bem. E essa questão que você comentou do alojamento, realmente já tinha sido algo que já tinha sido combinado anteriormente? Vocês já chegaram com toda essa estrutura pronta? Foi fácil? Foi bom este alojamento, essa infraestrutura?

E1: Foi excelente. Foi nota 10. Óbvio que não é um hotel cinco estrelas nem nada, mas eles deram todo o conforto possível dentro das instalações. A gente ficou dentro daquele alojamento que é da AESE, que é o mais interno, fica bem lá dentro mesmo, da própria AESE. Tudo limpo, organizado e lá dentro tinha lavanderia. Tivemos muito apoio.

C: Então, o que eu estou percebendo é que essa experiência foi bastante positiva. Esse primeiro contato.

E1: Foi positiva demais.

C: Mas assim que chegou, vocês tiveram uma orientação específica, voltada para vocês, da própria instituição?

E1: Neste primeiro mestrado tivemos. Eles reuniram todos os 16 que vieram do Brasil, reuniram todo o staff da ESES, se apresentaram, informaram, mandaram orientações, o que precisava, o que não precisava, qual era a senha para acessar o Wi-Fi. Foi nota 10. Isso na primeira vez, no meu primeiro mestrado. Na segunda vez, já não tive esse apoio tão... Não, não foi. E tem um diferencial. Eu notei já uma diferença desde a seleção, desde o edital. O edital, para mim, não foi claro. Primeiro, que ele não direciona para professores, mas o mestrado é todo direcionado para professores. Esse que eu estou fazendo agora. Então, eu

já tive uma dificuldade aí, porque eu não atuo em sala de aula. Eu trabalho com educação, eu auxilio os professores, mas eu não sou professora, eu não estou em sala de aula. C: Sim, sim.

E1: Então tinha esse ponto aí negativo, não era? É, eu já percebi isso no próprio edital. No próprio edital. Aí, já em sala de aula, eu também tive um atraso para chegar aqui. Eu já cheguei com o curso andando, eu assistia algumas aulas síncronas, e isso foi entrando outras pessoas junto. Eu já entrei, e aí já me colocaram no grupo. No grupo, boa parte eram de portugueses, tinha uma brasileira, mas era uma brasileira que estava fazendo disciplinas específicas, ela não estava fazendo muito curso, porque ela já tinha entrado no curso anterior. E assim, eu não me senti... não fui maltratada nem nada, mas eu não me senti acolhida. Eles seguiram o fluxo deles sem me atualizar, sem dar tempo de eu entender como é que... Os estudantes portugueses tendem a ser mais formais e distantes. Nesse tempo eu ainda estava morando em Santarém, eu estava num apartamento bem pertinho do Politécnico. E estava tentando alojamento, documentação, eu estava toda perdida, eu vim com visto, né? Da Embaixada e tudo, mas tinha que ligar para a SEF, aí eu fui descobrindo que tinha que tirar a NIF, tinha que tirar a NISS, mas não sei o quê, e assim, tentando me organizar. Nesse segundo mestrado, eu já vim em teletrabalho no exterior. Então, assim, eu trabalhava no horário do Brasil, que era mais ou menos de meio-dia até às 20 horas, e o curso era das 18h30 normalmente até às 22h. E quando eu tinha reunião, eu não podia simplesmente falar para a minha chefe, ó, tenho aula agora. Então, teve todos esses conflitos que me deixou bem... bem, assim, ansiosa, sabe? Tive que fazer atendimento lá no apoio psicológico. Tive que ir lá conversar, tive que ver. Aí eu descobri que eu poderia ter direito a ser estudante trabalhadora, né? Sim. Aí eu fui correr atrás disso também. Aí eu percebi também que a estrutura do Moodle melhorou muito desde o MAE, porque no MAE a gente começou com as aulas presenciais e depois eles foram para o moodle. Só que foi, pegou os PDFs deles que eles faziam no presencial e jogou dentro do Moodle. Hoje não, tem uma estrutura bem melhor, bem bacana. Só que você percebe...Só que você percebe que, assim, de um semestre para outro, eles não atualizam. Você vê que a coisa ainda está da turma anterior, você não se sente acolhida, você não percebe que aquilo ali foi feito para você, sabe? Essas coisas também já vai mexendo muito no psicológico. Tive dificuldade de acesso à coordenadora, nesse momento que eu fiquei, sabe, ansiosa, que eu fiquei... quis desistir. Então, assim, foi bem puxado, sabe? Fiquei bem estressada, quis desistir, conversei também com uma professora, mas, assim, não melhorou muito, mas eu fui empurrando para a barriga, sabe? Vou te dizer que eu não aprendi, eu aprendi muito, inclusive o network, as questões de

material, de o que está sendo novo, o que lá no Brasil não tem, mas, assim, não fui 100% como eu fui com o MAE, não, tá?

C: Ah, percebi. Antes que eu esqueça uma questão, esse primeiro curso, foi mais ou menos em que ano?

E1: Foi 2020 até 2022. E aí eu fiz a defesa em 2023, no primeiro semestre de 2023.

C: E começou esse novo no ano passado ou este ano?

E1: Começou no ano passado (2023). No ano passado. Ou seja, eu nem dei uma respirada e já comecei. E já vou me inscrever agora já para o doutoramento. Sem nem ter acabado esse.

C: E especificando um pouco sobre como eram as aulas. Como é que foi essa questão de ver o sistema de ensino superior português? Você viu algumas diferenças? Algumas semelhanças? O que você acha?

E1: Primeiro, você é um estudante estrangeiro, dentro de um país e você tem que entender, você tem que se adaptar, obviamente, a essa língua. Uma das questões, por exemplo, de eu estar no grupo com maioria portugueses, é que eles não aceitam você escrever os textos em português do Brasil. Então você já se sente meio que diminuída, né? Toda vez que eu dava alguma contribuição, “não, isso aqui está em português brasileiro. Alguém corrija aí.” Era assim, é como se fosse uma língua proibida.

C: E a sua relação com os professores? Com os estudantes? Eles eram acessíveis? Ou não? Essa questão de trabalho em grupo.

E1: É sempre aquela coisa, né? Trabalho em grupo, a gente tenta se encaixar. Porque tava todo mundo muito fechado em seus grupos, né? Enfim, entrei em um grupo, mas me calei. Tentei não mais ser tão participativa, sabe? Porque não era muito ouvida e por conta dessa questão do “português do Brasil”. Era meio que ignorada, sabe? Acho que tem que ter uma preparação pra esses alunos portugueses, né? Que estão no curso com pessoas estrangeiras, pra eles, né, saberem melhor lidar com estrangeiros. Isso também já me criava uma ansiedade muito grande, sabe? Foi necessário um esforço proativo da minha parte para iniciar conversas e participar de atividades em grupo.

C: Mas você sentia que os professores tinham um cuidado maior com os alunos estrangeiros? Eles se mostraram mais acessíveis, mais prestativos, ou não?

E1: Não, não. Eu não percebi, não. Acho que era igual. O tratamento era igual? Não, não tinha esse favoritismo, não. Esse cuidado? Não. Eu não percebi, não. Tive um professor que era muito, muito preocupado. Mas no geral, não senti um cuidado nem da coordenação.

C: Tinha, dentro do Politécnico, alguma atividade extracurricular ou algum evento organizado? Se você teve acesso a esse tipo de evento, de integração? E se você teve acesso, se você foi a esse tipo de eventos, como é que foi a experiência?

E1: Evento de integração do instituto? Se teve a informação não chegou a mim. Mas participei de um encontro com estrangeiros organizado por um influencer ligado à temática de estudar em Portugal. Aí o presidente do Politécnico apareceu. Aí os brasileiros também foram. Brasileiros e outros, né? Não foram só brasileiros, eu acho. Mas assim, não me senti... Não consegui nem... Eu estava tão... tão magoada, assim. Tão, sabe? Perdida. Então não consegui nem entrosar.

C: Ah, percebo. Mas só havia estrangeiros nesse encontro ou tinha alguns alunos portugueses?

E1: Não, eram só estrangeiros. Porque era voltado pro público estrangeiro, não era? Era específico pro público estrangeiro. Era pra acolhimento mesmo. Foi uma tentativa, né? Foi uma tentativa. Eu conheci outros brasileiros, mas assim... Não cheguei a entrosar com ninguém em específico.

C: Se você pudesse, assim, especificar um ou mais desafios que você enfrentou ou vem enfrentando, porque ainda continua estudando no Politécnico, em relação à convivência com os estudantes. Principalmente os estudantes portugueses. Qual foi, assim, o maior desafio?

E1: O desafio é você conseguir com que eles te ouçam, né? Com que eles te respeitem enquanto brasileiros, né? Dentro de Portugal. Até então, eu acredito que eu tenha respeitado, né? Eu tenho feito tudo pra respeitar, mas assim, você sente que, assim, eles têm uma resistência, sabe? Com quem é brasileiro. Foi o que eu senti. E aí é difícil, porque eles são muito focados no fazer. Em terminar a tarefa. Mas eles não têm a intenção de troca.

C: Você achou um conteúdo acessível, ou não muito acessível?

E1: Eu achei, eu achei um conteúdo acessível. Eu achei que, às vezes, eles colocavam muito conteúdo em excesso. Boa parte da disciplina era online né. Na plataforma tinha aulas síncronas e tinha as aulas presenciais e inclusive essa questão das aulas presenciais era um suspiro dentro do curso porque você ficava nesse stress de aula síncrona e assíncrona e naquele aperto de fazer reuniões de grupo pelo meet ou pelo zoom e aí quando tinha aula

presencial parece que aquilo ali dá um abraço na gente. Aí você via as pessoas presencialmente e a coisa ficava mais acolhedora.

C: Então você acha importante ter esse equilíbrio ou você acha que por exemplo na sua opinião seria melhor aulas totalmente presenciais?

E1: Não, eu acho que tem que ter esse equilíbrio eu acho que nem só online e nem só presencial. Eu acho que na forma como estava sendo a aula de presenciar de 15 em 15 dias estava super bacana.

C: E existiu ou existem muitos desafios referentes a cultura?

E1: Quanto a língua, se eles falam muito rápido, eu não entendo. Bom eu pego uma palavra ou outra mas para entender a frase inteira, eu me perco. Então tem essas diferenças dos termos né. Eu vou me acostumando.

C: E você se sentiu, se sente parte dessa comunidade acadêmica do Politécnico?

E1: Não me sinto parte. Sinto uma distância, no geral, enorme entre meus colegas, professores e funcionários da instituição.

C: Que sugestões você daria para melhorar essa questão da integração dos estudantes internacionais dentro do Politécnico?

E1: Tem que ter uma política dentro da instituição, se essa política for realmente institucionalizada as coisas vão fluir. E eu acho que não é só nos preparar como lidar com tudo isso, de orientações mesmo, sabe? Mas é também preparar os próprios portugueses que estão ali, junto com a gente na sala de aula. Que os dois lados saibam lidar um com o outro, com a cultura de cada um, o que seria meio que essencial, a partir do momento que a instituição abre essas portas para esses estudantes estrangeiros, seria no mínimo, ter esse essas orientações, esse cuidado. Tenho uma conhecida que disse que um aluno argentino não aguentou a pressão e desistiu. A instituição precisa ter esse olhar, esse cuidado... A instituição poderia ser mais proativa na criação de eventos ou grupos de integração, onde estudantes de diferentes nacionalidades pudessem se encontrar e compartilhar experiências, facilitando assim a adaptação ao novo ambiente.

C: Para finalizar algo que você gostaria de acrescentar sobre essa questão da sua experiência como estudante estrangeira no Politécnico.

E1: Na primeira experiência foi melhor, óbvio porque eu estava aqui com colegas do Brasil, eu estava me sentindo mais segura e mais acolhida, dentro já de uma organização toda

pronta. Eu não tive que pensar onde que eu ia morar, eu não tive que precisar de documentação nenhuma. Foi mais confortável. Esse agora foi muito desafiador, passando ali todas as tribulações mas hoje vendo sobre essa lógica o interessante é que foi um aprendizado, sabe? Eu comecei a namorar e casei com um português e dessa forma me sinto segura. Já estou conhecendo os amigos dele então assim, já estou expandindo mais, já estou me sentindo mais parte da sociedade portuguesa. No politécnico não consegui fazer amizade, tive algumas simpatias mútuas. Sei que cada um mora em um lugar diferente e cada qual tem os seus afazeres. Nem com colegas brasileiros tive um contato maior. Mas assim uma colega brasileira relatou que em relação à turma passada que ela esteve, essa foi bem. Ela passou por algumas situações bem complicadas, é complexo, difícil, depende muito de vários contextos. Sabe eu realmente estava num momento bem frágil porque eu já vim de um desgaste lá do Brasil e isso acabou refletindo muito também aqui no curso. Chega aqui, eu não tenho esse acolhimento, longe da família, me sentindo sozinha. Pode ser que se eu tivesse vindo num momento assim, mais tranquilo de lá, de repente a coisa tivesse fluído melhor, sabe? Eu me considero uma pessoa muito organizada, então assim não foi a questão de se organizar. Foi realmente o fato de eu não ter sentido um suporte, um acolhimento, sabe? Um suporte da instituição. Eu achava que eu tinha que ser forte, eu quero estar aqui então tenho que ser forte, era o que eu pensava.

C: Eu agradeço muito a participação e a sua disponibilidade para falar dessas experiências e acrescentar seu relato a esse estudo.

Entrevista 2

C: Bem, eu me chamo Cristiane. Sou aluna do mestrado em Administração Educacional. Por favor, você poderia contar um pouco mais sobre você, de onde você é e qual curso você está frequentando no Politécnico.

E2: Me chamo Y e eu tenho 35 anos. Eu sou natural de Belo Horizonte, Brasil. Eu sou imigrante em Portugal vai fazer 5 anos e meio mais ou menos e eu estou no primeiro ano de mestrado em Educação Social no Politécnico de Santarém.

C: O que motivou a sua escolha especificamente pelo Politécnico de Santarém?

E2: A primeira coisa é como eu falei, tem 5 anos que eu estou aqui e eu já fui aluna da Universidade do Porto, no curso de mestrado em Gestão em Organizações. Não foram experiências muito boas, foram experiências extremamente dolorosas, excludentes e desrespeitosas, do qual eu não tive um pingão de integração ou socialização ou rendimento positivo. Eu sabia que seria desafiador viver em outro país e me adaptar a um novo ambiente acadêmico. Com isso eu comecei realmente a procurar uma instituição que poderia me acolher e que tivesse de acordo com os meus interesses acadêmicos, que seria aprender para trabalhar então de fato eu pesquisei muito e em todas as minhas pesquisas aqui, com pessoas, profissionais do qual me inspiraram e orientaram para que fosse próximo a Lisboa, porque tem uma diversidade, professores que têm experiências não só em Portugal mas experiências fora de Portugal e que estavam mais abertos a receber pessoas e alunos de outros lugares, com outros posicionamentos e atitudes. Dentro dessa minha pesquisa me indicaram o Politécnico de Santarém, eu pesquisei, vi que o curso estava na área de educação, a grade do curso me deixou bem interessada mas para mim não era suficiente. Eu fiquei com medo de mais uma vez, gastar propina cara e não ter nada para me sentir integrada, então eu assumi uma outra postura, eu entrei em contato com a coordenadora do curso e expliquei pra ela a minha trajetória em outra instituição. Expliquei para ela as minhas expectativas. O que eu tive nas outras universidades não foi só a questão da educação, conteúdo e sim o fato por exemplo de não conseguir efetuar matrícula por não saber como, como pagar uma propina e não tinha informação, então também eu queria saber se o serviço acadêmico estava disposto a atender alunos que não sabiam como funcionavam as coisas. E sim, tanto o coordenador do curso quanto os serviços acadêmicos foram assim... super acessíveis comigo e olha que eu nem tinha feito a matrícula. Com isso, eu realmente senti uma boa vontade, disposição e realmente deixei muito claro qual era a minha expectativa, qual era a minha dificuldade. Uma professora me passou o telefone dela que foi uma coisa que eu fiquei admirada. E aí sim eu fiz a candidatura para o mestrado, fui aceita e comecei.

C: E depois que você foi aceita, essas primeiras impressões continuaram positivas?

E2: Depois que eu fui aceita, as minhas expectativas foram mais do que superadas. Recebi todo o apoio necessário desde o início, com profissionais acessíveis e dispostos a ajudar. O Politécnico de Santarém facilitou a minha adaptação ao ambiente acadêmico, especialmente na fase inicial por meio de informações claras e um sistema de suporte acessível. Eu tive um suporte em questões burocráticas como matrícula e horários, o que me permitiu o foco maior nas atividades acadêmicas. Primeiro, o curso já era pra mim uma mais valia porque era na modalidade de learning. Tenho aulas não presenciais e presenciais. No dia das aulas presenciais, as minhas aulas eram sexta à noite e sábado o dia todo, então eu teria que

dormir uma noite em Santarém. E eu tive muita dificuldade, não podia ficar o ano todo pagando hospedagem, fora as passagens que eu teria que gastar de comboio do Porto, onde moro e é muito caro esse investimento todo que eu estava fazendo e eu coloquei isso também como um problema e como impedimento porque também não era só eu, tinha outros alunos também nessa situação. Santarém tinha o serviço de moradia universitária então também foi muito bom porque de sexta para sábado eu podia pegar a chave e dormir na residência universitária. E foi muito, muito melhor do que esperava porque eu tinha contato com os demais alunos da residência, criou-se um vínculo de amizade que foi outra coisa que eu não tive nas outras instituições. Esses alunos também me ajudaram nas questões burocráticas então tudo que eu não tive nas outras instituições, eu tive em Santarém. Auxílio não só do corpo docente mas também dos alunos que também me ajudaram muito. Não só brasileiros, mas também cabo-verdianos, moçambicanos, angolanos... Outro ponto era receber convite também para festas temáticas. Eu fiquei muito feliz, com essas medidas, não apenas a nível de acolhimento mas também informativo, por exemplo, como eu tinha essa questão de ter moradia que não era um problema, que podia pernoitar, eu pude participar de seminários. Toda vez que tinha um congresso, um seminário... eu mandava e-mail falando “olha então o seminário tal dia posso utilizar a residência universitária?” Então foi muito bom para mim. Eu acho que também para mim o que mais potencializou a minha vida foi a semana Ubuntu, que eu pude conhecer outros alunos e realmente foi um divisor de águas na minha vida. E a forma que eles lidam com os alunos do Instituto Santarém é muito diferente. O instituto realmente procura que todos estejam bem integrados, desde o primeiro momento eu senti isso e eles não medem esforços, sabe? As pessoas me mandavam mensagem, como por exemplo, a psicóloga, as meninas da secretaria, perguntando como eu estava. E eu gosto desse senso de pertencimento, de preocupação, de ajuda mútua. Então, me sinto bem num lugar, como aluna, como mulher, como imigrante, como uma pessoa que quer estudar, que quer aprender. Os professores quando eu pergunto alguma coisa eles não sentem que estão sendo desafiados, eles sentem que eu tenho interesse e me dão um livro, me dão dica, me apontam outras pessoas que podem esclarecer uma dúvida. Na outra instituição, os professores viam essa atitude minha como arrogante, não pode perguntar porque é como se eu estivesse duvidando da capacidade deles, eu não posso conversar com eles, eu não posso ter contato com eles... Se eu vou abordar um professor diretamente pra eles é tido como falta de respeito, falta de educação. Santarém quebrou esse estigma. É muito próximo da faculdade que eu tive no Brasil, é muito próximo da faculdade que eu vivenciei, um abrigo acadêmico. Então além de tudo de estar bem acolhida, me dá essa memória afetiva muito boa sabe?

C: Então no caso a sua experiência foi bem positiva em relação às orientações e esse apoio inicial do politécnico. Uma coisa que você citou no caso “tem um Congresso, posso ficar na residência?”. Você não tinha muito problema? Geralmente era sempre aceito, você sempre ficava no mesmo espaço?

E2: É uma rotatividade de alunos, eu não ficava no mesmo quarto, nem sempre o mesmo quarto estava disponível mas não tinha dificuldade em conseguir uma vaga. O politécnico de Santarém tem essa finalidade de acolher alunos de outros lugares, professores convidados. É um lugar muito dinâmico, tem sempre gente boa, inteligente lá então é legal.

C: E como foi a sua adaptação à questão das aulas, a questão da didática, o que foi que você achou?

E2: Primeiro, vou falar no caso como aluna imigrante. O fato de eu fazer um curso específico de educação social, teve uma questão sobre políticas portuguesas essas coisas assim e eu, falando como aluna não nacional, então eu tenho um pouco de dificuldade de entendimento sobre algo histórico que não era do meu país. Era uma coisa que eu não tenho total conhecimento, eu não estava aqui e eu não sei a história de Portugal. Mas eu vi muito boa vontade dos professores para me ajudar a esclarecer ou informar o que eu não sabia. Eu sei que eu tinha que correr atrás também e não ficar para trás, mas eles me apoiaram em orientar, então esse aspeto foi muito bom. Sobre a didática, tem toda essa inovação tecnológica do moodle, nós temos aulas assíncronas então nós temos que ter essa predisposição, temos que ter essa postura um pouco mais autônoma nos estudos. Acho que os professores colocam muita coisa mas porque nós temos esses conteúdos assíncronos e nós temos que realizar as atividades tanto de forma presencial quanto online, então isso requer também mais do aluno, mas eu acho que na questão didática foi sensacional. Eu gostava muito da forma com os professores apresentavam os conteúdos nas aulas presenciais, pelos PowerPoint. E nos mestrados tinham profissionais bem atualizados. Senti que pra mim, que vem de fora, deu uma boa perspectiva. O que é esse mercado, esse contexto de educação em Portugal. Então aprendi muito e os profissionais são funcionários abertos a diferença, questionamento, então foi muito, muito bom isso. Isso me surpreendeu muito e aí também eu acho que a didática não é só o que você passa mas sim a forma que você passa. Eu consegui entender todos os professores. Nesse mestrado, todas as disciplinas tinham dois professores, então tudo foi muito equilibrado, sabe? Então assim, metade do semestre era um professor, já na outra metade era outro dando a mesma disciplina, então eu acho que houve um equilíbrio. E assim eu acho, na minha percepção, não sei se foi propositado: um professor era muito antigo tipo tendo 20 anos de instituto e o outro era recém chegado então esse encontro, essa dobradinha eu acho que foi muito bom pra gente porque uns traziam coisas mais clássicas, tradicionais e os outros coisas mais atuais, então isso pra mim foi sensacional!

C: Então realmente você achava que os professores eram acessíveis e prestativos? Eles não tinham uma questão talvez mais específica em você por ser estrangeira?

E2: Não, era algo que realmente era para todos os estudantes da sala. Entendi também que os professores ficavam disponíveis, era só marcar um horário e eles ficavam online, disponíveis e acho que isso fez diferença na minha vida.

C: Você tinha comentado que você teve ali um contato, uma amizade com estudantes por causa da residência não foi? Dos momentos que você ficou na residência mas em relação aos seus colegas de classe, você achava que eles eram acessíveis, eles eram prestativos? Como é que era essa relação? Eram só portugueses? Você era a única estrangeira?

E2: Não, não eram acessíveis. Eles têm uma visão muito diferente da minha. Eu não estou para fazer o mestrado para ganhar 20 valores. O único objetivo que eles tem é ganhar 20 valores e eles não estão preocupados se aprende ou se não aprende, se cresce ou não cresce, não. Eu não tenho essa visão. Nós (brasileiros) temos também uma outra educação, por exemplo nós éramos avaliados por participação na sala e eles não são muito comunicativos. Nós éramos avaliados por apresentação oral e muitos tinham dificuldade de se apresentar oralmente. Ninguém queria fazer trabalho comigo, porque eles não poderiam me considerar um potencial, eles vão me considerar uma ameaça constante e eu não tenho esse tipo de pensamento, eu não estou ali para competir com ninguém. Eu estou ali para falar

então desse aspecto a experiência não foi muito boa mas eu entendo que é a cultura deles, eu sou imersa nessa cultura eu entendo que eles são assim mas foi uma coisa que eu tive que superar.

C: Como esses alunos tinham essa questão com você, isso te prejudicou de alguma forma?

E2: Não, porque nós tínhamos essa proximidade com os professores. E antes de eu fazer a candidatura do mestrado, eu já tinha colocado isso pra coordenadora e eu tive sim esse suporte dela que foi fundamental.

C: Você comentou aqui que participou de algumas atividades extracurriculares por exemplo seminários e teve também mais algum evento que você participou dentro do Politécnico de Santarém? Como é que foi essa experiência desses eventos que você participou? Foi algo que você foi atrás ou foi algo que realmente a instituição proporcionou?

E2: Vou começar dizendo que é muito legal que eles têm essas duas modalidades: eventos presenciais e online como por exemplo teve um evento de formatação do currículo e uso da ferramenta do LinkedIn online. Eu acho muito legal essa comunicação. E algo que aconteceu no período em Santarém foi que eu consegui um emprego. Nesse período que eu estava aqui, que já estavam dando quatro anos eu nunca tinha conseguido emprego na minha área. E então assim, isso foi muito bom para mim, me deu um up também para continuar no curso e depois de quatro anos finalmente estou conseguindo me encontrar como imigrante em Portugal porque já estava bem desanimada e foi o meu último tiro. Se não desse certo eu iria voltar, porque eu estava frustrada por conta da minha experiência anterior. Mas no politécnico de Santarém foi diferente. Os professores, por exemplo, tentavam me compreender, só do fato de não ter isso que é escutado ou lido que eu escrevo brasileiro e ser penalizado em nota por causa disso então assim eu era mais motivada a estudar, mais motivada a escrever coisas da minha opinião, dissertar sobre e foi muito bom. Eu sabia que se eu tivesse um feedback dos professores não ia ser horroroso, desrespeitoso e preconceituoso. A maioria das pessoas que eu conhecia, que a gente realmente criou uma rede uma rede boa, foi na semana Ubuntu, porque nós ficamos uma semana em Santarém e tinha alunos de todos os cursos. As pessoas me mandavam mensagem, como por exemplo, a psicóloga, as meninas da Secretaria, perguntando como eu estava. E eu gosto desse senso de pertencimento, de preocupação, de ajuda mútua e eu só vi isso em Santarém.

C: E para finalizar quais foram as principais diferenças culturais que você sentiu, que você teve que lidar?

E2: Essa resposta vai mudando de acordo com o tempo, mas hoje eu falo que além do sotaque, é a comunicação. Eu acho muito complicado você manter a comunicação com uma pessoa portuguesa, eles falam o mínimo possível, então eu sofri muito pela falta de informação, sabe? Se a pessoa não te conhece, então eles não vão falar, eles não vão conversar com você. Eu acho que a minha experiência em Santarém só deu certo porque eu tive um serviço disposto a conversar comigo, uma coordenadora disposta a conversar comigo. Acho que a comunicação foi meu maior desafio.

C: Você tem alguma sugestão pra dar pro Politécnico?

E2: A gente tem que ter essa essa visão de melhoria constante, eu acho que a instituição é feita de pessoas, então eu acho que todo mundo tem que ter essa visão. Todo mundo tem

que trabalhar nesse nível de qualidade, porque ao mesmo tempo que eu vejo professores, profissionais do Politécnico muito, muito bons e outros não tão bons como eles, então causam uma discrepância muito grande de atendimento. A única coisa que eu poderia sugerir era um equilíbrio. Acho que se todo mundo tiver no mesmo nível, todo mundo ganha e vai ficar mais produtivo, as pessoas vão estar mais motivadas, você teria menos problema. Foi isso que eu reparei.

C: Eu agradeço muito a participação e a sua disponibilidade para falar dessas experiências e acrescentar seu relato a esse estudo.

Entrevista 3

C: Olá. Vamos iniciar a entrevista. Fale um pouco sobre você. De onde você é e qual é o curso que você está frequentando no Politécnico de Santarém?

E3: Eu sou do Rio de Janeiro. Tenho 31 anos e estou terminando o mestrado em Recursos Digitais em Educação. No início eu era a única estrangeira mas nesse segundo ano tiveram alguns outros estrangeiros. Agora eu já estou chegando na parte final, para terminar no próximo ano esse mestrado. Minha licenciatura foi feita no Brasil. Sou pedagoga.

C: O que motivou a sua vinda para Portugal? Foi especificamente para estudar, para procurar um mestrado? Qual o porquê da escolha de vir para Portugal e o porquê da escolha do Politécnico de Santarém?

E3: A gente, meu marido e eu, sempre tivemos vontade de estudar fora. Em 2019 nós nos organizamos para fazer um intercâmbio. Iríamos começar na África do Sul e depois complementar esse intercâmbio na Irlanda. Meu marido é formado em educação física e aí a gente queria estudar e também a questão da aventura, de você morar fora. Mas aí veio a pandemia e nós tivemos que mudar os planos. Nós tínhamos um planejamento financeiro e pensamos em quando acabar a pandemia, investir em outra coisa. Esperamos a pandemia passar e nesse meio tempo nós começamos a pesquisar outras possibilidades. Começamos a pensar em estudar alguma coisa que tivesse relação com a nossa profissão, porque o diploma é sempre bom não é? Focamos na questão do idioma e aos poucos a gente foi amadurecendo a ideia. E nós pensamos em Portugal principalmente pela questão do idioma, acho que todo mundo sempre leva isso em consideração porque era mais prático e mais fácil. E a gente começou a pesquisar a possibilidade de fazer uma formação aqui, que tivesse relação com a nossa formação do Brasil. No princípio não seria o Politécnico de Santarém, a princípio a gente sonhava com a Universidade de Lisboa mas foi algo que ficou fora do nosso orçamento. Então a gente pesquisou principalmente quais universidades e politécnicos eram significativos na nossa área de atuação. E na pesquisa, percebemos que o Politécnico de Santarém é um nome forte na área do desporto e na área da educação também. E começamos a levantar informações sobre o Politécnico e viemos parar aqui. Eu tenho um primo que ele morava aqui faz um tempo em Coimbra, já faz alguns anos e ele deu esse suporte no começo. Nos recebeu, nos ajudou, assim a se localizar, se orientar e lá se vão quase dois anos que a gente está aqui.

C: E quando você chegou, quais foram as suas primeiras impressões em relação ao Politécnico de Santarém?

E3: Primeiro ponto para mim foi que a didática de ensino aqui é completamente diferente e isso me surpreendeu um pouco. Eu tinha um outro imaginário a respeito e não foi um elogio. A didática eu achei um pouco ultrapassada, muito 1990. Eu penso assim, que eles têm uma tecnologia absurda aqui, um acesso a tecnologia que infelizmente, muitos de nós não temos no Brasil. Nem no ensino superior muitos de nós não temos acesso a algumas tecnologias que os portugueses têm. Mas eu achei as didáticas de ensino meio antiquadas. Na minha formação no Brasil eu pude conhecer e experimentar várias, como vou falar, técnicas, várias áreas diferentes da educação. Eu tive o prazer de trabalhar em escolas açorianas, interacionista e eu também tive atuação na escola tradicional. Então, a gente no Brasil navega sobre todas essas metodologias de ensino, a gente talvez não consiga aprofundar, mas a

gente tem acesso a isso sim. E uma das coisas que eu esperava muito, muito, era essa questão da didática porque ela influencia muito na forma como você vai passar informação, como o aluno vai receber e como aquele aprendizado vai acontecer. Isso me surpreendeu muito porque eu achei alguns professores com zero didática. Eu acho que para um politécnico que recebe muitos alunos estrangeiros, eles não se importam muito se você vai conseguir chegar ali e se sentir bem-vindo. Eu tenho aquela coisa do “ vamos observar sobre o aluno que vem de outro país que tem uma cultura diferente, vamos tentar proporcionar aqui uma forma dele interagir e se sentir em casa e bem-vindo.” Eu tive muitas, muitas situações desagradáveis. Professores que você vê, que é totalmente nítido, pelo menos essa foi a minha experiência, de tratar diferente um estudante daqui e o outro que é de fora. Em relação a esse tipo de situação, um colega da minha turma, que era latino, não era brasileiro, ele não aguentou a pressão, desistiu e foi embora. E assim é eu achei muito bizarro a questão da didática. Eu senti que era como “tome isso aqui e te vira com essa informação, se você conseguir fazer alguma coisa, legal, você vai passar na matéria mas se você não conseguir, o problema é teu.” E assim também, você disponibiliza o sábado inteiro, então no mínimo, você quer uma aula interativa. A minha turma do primeiro ano, do segundo ano eu não vou falar mal, porque graças a Deus foi uma turma nova e foi completamente diferente. No primeiro ano quando eu cheguei, não teve essa de “vamos recepcionar os alunos novos”. As aulas começaram em setembro e infelizmente eu só consegui chegar em novembro e eu assistia muita coisa online enquanto eu estava no Brasil. Eu me senti muito perdida quando eu cheguei, eu tentei conversar com alguns professores, pedi ajuda para eu poder me inteirar com essa matéria, não é? E eles me ignoraram e aí o que eu fiz para eu não sair prejudicada: eu preferi repetir essas matérias que eu perdi porque não vai ter como eu contar com esses professores, então prefiro quando entrar a próxima turma eu refazer e foi o que eu fiz. Prefiro fazer as coisas de forma mais completa. Porque a ajuda que esperava que ia ter para acompanhar essa turma não rolou. As experiências de trabalho em grupo, quase todas no primeiro ano, foram péssimas. E foi complicado. Nesse segundo ano a turma nova já é uma turma muito miscigenada e muitos, muitos alunos de fora. Na primeira turma só era eu de brasileira. Essa turma nova não, essa turma tinha muitos brasileiros, estrangeiros... aí eu percebi uma outra cabeça e uma outra vibe. Foi bem melhor a experiência e mudou alguns professores. Uma professora que eu tive problemas no primeiro ano, ela já não estava dando mais aula. Mas a experiência de chegada não foi muito agradável, eu tinha muitas dúvidas e não só pra mim, o meu marido também. Mas não houve ajuda da secretária, uma orientação...

C: Era essa a próxima pergunta: você recebeu algum tipo de orientação, de apoio quando chegou e quando eu falo apoio é apoio de informação ou até um apoio financeiro... qual foi a sua experiência?

E3: A gente tentou por vários meses o alojamento da faculdade. Realmente era uma dificuldade gigantesca, é um processo extremamente burocrático e eles te exigem documentos que não faziam sentido. Por exemplo, se você está no país há dois meses você não vai ter ainda esses documentos. “Ah só pode morar no alojamento da faculdade se você tiver o título de residência “ mas para a entrevista para receber o título de residência leva vários meses. É muita burocracia e eles dificultam muito. No fim das contas, a gente teve que se virar e assim estamos nos virando até hoje. Mas nunca me esqueci dessa coisa em relação a faculdade. Hoje não, porque hoje já sei mais ou menos como funciona e já vou sendo mais

objetiva quando eu quero alguma coisa mas não foram muito prestativos quando a gente chegou. Muita coisa a gente foi procurar, informações, estudos... Meu marido e eu, lemos, relemos até decorar o estatuto do estudante internacional e a gente correu atrás. Quando chegava lá (para resolver algo) e alguém falava “ não “ e eu dizia que não podia falar não pra mim porque estava no estatuto e vocês precisam fazer. E não foi uma experiência legal. Nós conhecemos uma determinada pessoa que tem um contato com a universidade, com o politécnico. E enquanto falávamos com ele, contamos toda a nossa experiência. E ele acabou por repassar para a diretoria a nossa situação. Em um mês, eles organizaram um jantar com os alunos estrangeiros, coisa que nunca aconteceu, nunca promoveu um encontro com alunos estrangeiros, nunca promoveram uma reunião com todos os alunos para tirar dúvida, dar uma orientação. E a gente já estava aqui há mais de um ano, já tinha passado muitas coisas. A gente já tinha chorado, já tínhamos ficado com raiva, já tínhamos pensado em voltar para casa. As coisas começaram a mudar depois disso, mas só depois que alguém que tinha um contato com a diretoria falou a respeito. Porque por parte da universidade não houve, não promoveram nada. Isso às vezes é muito complicado, os alunos estrangeiros, não só brasileiros, a grande maioria brasileiros e africanos e é nítido as diferenças de tratamento. Sinceramente eu já até esperava, mas não da forma que foi.

C: Então você não utilizou nenhum serviço de apoio oferecido pelo Politécnico?

E3: Não, a gente tentou e não conseguiu e principalmente a questão do alojamento que a gente não conseguiu.

C: E a comunicação com a coordenação?

E3: Hoje em dia melhorou muito. Mas nos primeiros meses foi muito complicado. Se a gente não fosse resolver as coisas lá pessoalmente, demorava às vezes mais de uma semana para responderem um email e muitas vezes era resposta automática.

C: Você acha que houve uma mudança mais drástica desse primeiro ano para o segundo ou continua basicamente a mesma coisa, essa questão da integração dos professores e dos alunos também?

E3: Eu acho que nesse segundo ano foi bem melhor pois tinha muito mais estrangeiros, então o ambiente mudou. Mas por exemplo foram muitas situações, tinha um professor que não queria dar nota no meu trabalho porque ele não aceitou que eu estava falando “português do Brasil” o que é extremamente ridículo porque a gente tem um acordo entre Portugal e Brasil. Se fosse um aluno americano, iam exigir que falassem português de Portugal? Ficou um clima chato porque eu sabia que eu merecia uma nota melhor, mas todo mundo recebeu a nota máxima e ele me deu apenas o suficiente para eu passar. Uma outra situação, foi que eu usei um termo “metodologia de aprendizagem ” e a professora me interrompeu, dizendo que o termo estava errado, que aqui não se falava brasileiro. Seria totalmente diferente se ela tivesse me dito “que esse não é o termo usado aqui, vou te ensinar qual é o termo que nós usamos aqui” eu não teria problema. Mas esse tipo de correção agressiva não funciona. E 90% dos problemas da sala de aula são sobre essa questão do português do Brasil e português de Portugal e eu acho extremamente ridículo. Tem expressões que as pessoas aqui não entendem, tudo bem. Mas foi a forma como a professora falou “que estava errado “. E não estava errado. Em cada país há uma expressão. Esse tipo de situação criou um clima muito hostil. A relação com os colegas portugueses não era boa. Os outros alunos não eram

acessíveis. Ninguém queria fazer trabalho comigo. E essa relação só melhorou quando vieram mais estrangeiros.

C: E você participa de alguma atividade extracurricular que é organizada pela instituição ou você nem sabe que existe algum tipo de atividade extracurricular?

E3: Eu nem tô por dentro disso. Quando eu cheguei, eu ainda participei de um laboratório no primeiro ano. E foi bem legal, mas fora isso, eu não faço ideia das atividades que tenham.

C: E quais desafios culturais você enfrentou? Além da questão da língua.

E3: Eu trabalho nas AECs aqui e senti muita diferença no ambiente educacional, é bem diferente, muito, não tem muita relação com o Brasil. Eu acho que nessa parte da educação, eles estão na década de 90. Acho que no Brasil, nós temos um milhão de problemas, mas a gente evoluiu muito.

C: E que sugestões você daria para melhorar essa integração dos estudantes internacionais no Politécnico?

E3: Eu conheço um lugar em que quando chegam alunos novos é feita uma recepção para os alunos, existe uma comissão de alunos para receber esses alunos. Existe uma organização, procurar alguém que fale inglês que deixe os alunos mais confortáveis. Estudam sobre a cultura dos recém chegados, para as pessoas se sentirem bem. Não acho necessário fazer uma festa ou um grande evento. Mas juntar dois, três alunos para recepcionar, explicar pelo menos sobre a estrutura do prédio. Os alunos chegam aqui e tem que se virar. Não sabem onde é uma sala de aula, uma secretária... acho que um dia com esse acolhimento já seria o suficiente. Acho que isso é muito bom, faz muita falta. Poderia ter. Eu não sei se existe isso na licenciatura mas no mestrado, acho que faltou isso. Os alunos estrangeiros também fazem parte do politécnico, pagam propina, então acho que deveria ser levado em consideração também. Concluindo, a instituição deveria realizar um acolhimento formal logo após a chegada dos estudantes, identificando suas dificuldades e buscando soluções de forma mais rápida e eficaz. Além de que os professores deveriam passar por uma atualização ou treinamento para lidar melhor com os estudantes internacionais, essa é a minha opinião.

C: Eu agradeço muito a participação e a sua disponibilidade para falar dessas experiências e acrescentar seu relato a esse estudo.

